

# **NO CAMINHO, UMA CRUZ; NA IGREJA, UM CREDO: um estudo dialógico do discurso dos católicos que constroem as Santas Cruzes de Beira de Estrada e do discurso da Igreja Católica <sup>1</sup>**

**Mabel Sales de Farias Gueiros<sup>2</sup>**  
mabelsales@hotmail.com

**Orientador: Prof. Dr. Valfrido da Silva Nunes<sup>3</sup>**  
valfrido.nunes@garanhuns.ifpe.edu.br

---

## **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo analisar os diálogos entre as Santas Cruzes de Beira de Estrada e o catolicismo no município de Correntes – PE, os signos pertencentes às duas práticas e as discordâncias e concordâncias nessas atividades, de acordo com os discursos dos nativos e os gêneros discursivos que embasam as práticas da Igreja Católica, baseando-me na perspectiva dialógica desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin. Esse trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de campo e documental, contando com a participação de seis sujeitos, sendo um representante oficial da Igreja Católica e cinco sujeitos que perderam os seus familiares de forma trágica; recorre também ao Código de Direito Canônico, ao Catecismo e à Bíblia para identificar aspectos envolvendo essas práticas que fazem parte da esfera discursiva religiosa. O referente artigo pretende contribuir com as teorias linguísticas voltadas para o dialogismo e a religiosidade, respectivamente, utilizando como embasamento teórico a visão do Círculo de Bakhtin sobre os discursos dialógicos, abordada por Faraco (2009), Brait (org. 2018) e pelo próprio Bakhtin (2006); nas descrições da esfera religiosa, empregaremos as concepções desenvolvidas por Alves (1986), Geertz (1978) e Quintana (1999) sobre esse cenário da atividade humana. Os resultados mostraram a heterogeneidade dos católicos e o entrecruzamento dos discursos oficiais e cotidianos, se dissociando no que diz respeito às autoridades que alicerçam as axiologias de cada esfera e ao contexto envolvendo assombrações.

Palavras-chave: Dialogismo. Esfera religiosa. Ideologia. Gênero discursivo. Signo.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Linguagem e Práticas Sociais e avaliado pela Profa. Dra. Tatiana Simões e Luna (UFRPE) e pelo Prof. Dr. Patrocínio Solon Freire (IFPE).

<sup>2</sup> Graduada em História pela Universidade de Pernambuco (UPE) - *Campus* Garanhuns. Pós-graduanda em Linguagem e Práticas Sociais pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) - *Campus* Garanhuns.

<sup>3</sup> Doutor em linguística (UFAL). Professor e pesquisador do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – *Campus* Garanhuns. Líder do GELPS – Grupo de Estudos em Linguagem e Práticas Sociais (IFPE/CNPq).

## ABSTRACT

This article aims to analyze the dialogues between the *Santas Cruzes de Beira de Estrada* and Catholicism in the municipality of Correntes - PE, the signs belonging to the two practices and the disagreements and agreements in these activities, according to the speeches of the natives and the discursive genres that underlie the practices of the Catholic Church, based on the dialogic perspective developed by the Bakhtin Circle. This work is characterized as a qualitative, field and documentary research, with the participation of six subjects, being an official representative of the Catholic Church and five subjects who tragically lost their families; also uses the Code of Canon Law, the Catechism and the Bible to identify aspects involving these practices that are part of the religious discursive sphere. The referent article intends to contribute to linguistic theories focused on dialogism and religiosity, respectively, using as a theoretical basis the vision of the Bakhtin Circle on dialogic discourses, addressed by Faraco (2009), Brait (org. 2018) and by the author himself Bakhtin (2006); in the descriptions of the religious sphere, we will use the concepts developed by Alves (1986), Geertz (1978) and Quintana (1999) about this scenario of human activity. The results showed the heterogeneity of Catholics and the intertwining of official and everyday discourses, dissociating with regard to the authorities that underpin the axiologies of each sphere and the context involving hauntings.

Keywords: Dialogism. Religious sphere. Ideology. Discursive genre. Ideological sign.

---

## 1. INTRODUÇÃO

Ao nos depararmos com o panorama religioso tradicional do catolicismo no município de Correntes – PE, percebemos suas manifestações em vários contextos: a Igreja Católica no centro da cidade, a praça central com o nome e a imagem de Nossa Senhora da Conceição, os comerciantes que demonstram a sua devoção ao utilizarem os nomes dos santos nos seus mercados, padarias, entre outros negócios, sem falar nas casas dos fiéis que sempre têm símbolos católicos.

No entanto, as construções que talvez mais chamem a nossa atenção antes de chegarmos à cidade são as chamadas *Santas Cruzes de Beira de Estrada*, com o nome de uma pessoa falecida, sua data de nascimento e de morte; algumas contêm apenas uma cruz, outras uma capelinha com flores, imagens de santos – alguns quebrados – e foto do falecido. De fato, essa prática pode não fazer parte da ortodoxia da Igreja, mas, segundo Azevedo (2002, p. 31), “[...] de um modo geral, os brasileiros consideram-se ‘religiosos’ e verdadeiros católicos, ainda quando interpretem a seu modo a religião; muitos deles sentir-se-iam ofendidos se lhes fosse negada a categoria de católicos ou se os confundissem com ‘materialistas’, ‘descrentes’ ou ‘antirreligiosos’ [...]”.

Nesse sentido, a cruz é um importante símbolo cristão, pois ela é utilizada pela Igreja Católica em sua estrutura física e em seus rituais, porém os próprios fiéis a empregam nas *Santas Cruzes de Beira de Estrada* – edificações que sinalizam mortes por acidentes de trânsito, assassinatos, afogamentos, entre outras consideradas trágicas. Elas são encontradas em propriedades rurais e nas encostas das rodovias, associadas à doutrina da Igreja Católica, pelo fato de os sujeitos que as erguem se considerarem católicos, rezarem no local, acenderem velas, fazerem rituais que

acontecem também na Igreja, além do fator da cruz ser o principal signo nessas construções, ou por causa das imagens dos santos encontradas na localidade.

A utilização de símbolos ou ritos que se afastam das leis do catolicismo pelos seguidores dessa religião acontece através da necessidade de dar significação à vida ou à morte, na busca pela “cura” das suas “feridas simbólicas”. Ainda que nos discursos dogmáticos da Igreja Católica estejam presentes os preceitos únicos e verdadeiros para alcançar a salvação, os sujeitos pertencentes a essa religião, ao procurarem outras práticas religiosas, mostram que ser católico não é fazer parte de um sistema de crenças fechado, do mesmo jeito que “[...] os homens são diferentes e seus mundos sagrados também [...]” (ALVES, 1986, p. 29).

É através da tradição familiar, dos conhecimentos transmitidos e vivenciados por seu grupo, relativos à Igreja e às Santas Cruzes, e de suas experiências individuais, únicas com o sobrenatural, que o sujeito desenvolve o sentimento de pertencimento, se considerando católico, mesmo havendo um distanciamento da ortodoxia dessa religião. Esse possível distanciamento, ao edificarem as Santas Cruzes de Beira de Estrada, analisaremos nos discursos oficiais da Igreja, como no Código de Direito Canônico, importante conjunto de leis regente da Igreja Católica, e no Catecismo, em que estão os ensinamentos dessa religião aos seus seguidores.

O presente artigo justifica-se pela sua contribuição teórica no campo da linguística, ao abordar a perspectiva dialógica bakhtiniana relacionando-a com a esfera discursiva religiosa. É certo que existem pesquisas envolvendo a temática religiosa e dialógica, mas o recorte proposto aqui tem sua relevância acadêmica ao apresentar um contexto de produção enunciativa tradicional, identitário<sup>4</sup>, contendo aspectos oficiais e do cotidiano e analisando como eles estão em constante interação, contexto esse utilizando a perspectiva dialógica, relacionado as Santas Cruzes e a Igreja Católica, que não encontramos em pesquisas de outros autores. Salientamos que este é um trabalho que dá continuidade a um estudo previamente apresentado na forma de resumo expandido por esta autora, durante o I Seminário de Linguagem e Práticas Sociais (SELPS), do Instituto Federal de Pernambuco, *Campus Garanhuns* (GUEIROS, 2021, p. 51-53).

Das pesquisas prévias realizadas em torno do tema, podemos citar Teixeira (2014) e Gatti (2016). O primeiro trabalho – “Dialogismo Bakhtiniano e o Discurso Religioso: Uma Abordagem Sociointerativa da Linguagem na Religiosidade Popular” – faz suas colaborações sobre a linguagem religiosa popular, mostrando como a interação ocorre nesse campo, evidenciando os símbolos, sendo a linguagem que penetra no mundo sagrado e manifesta a sua realidade através deles. O segundo – “Dialogismo e sincretismo: (re)definições” – explica o sincretismo, visto como diálogos entre diversas práticas culturais, destacando como a identidade de onde surge cada discurso é percebida e que não necessariamente essas identidades estão situadas na mesma esfera discursiva. Neste trabalho, ao falarmos das Santas Cruzes de Beira de Estrada e do Catolicismo, não pretendemos transcender sobre o conceito de religiosidade popular, para não sobrepormos a visão oficial à visão cotidiana, já que essa última concebe as práticas das Santas Cruzes como catolicismo, e a oficial como religiosidade popular, conforme observaremos nos tópicos 4.1 e 4.2. Também não abordaremos o conceito de sincretismo, assim como Gatti (2016), apresentando-o como o próprio dialogismo, pois ao abordarmos as relações dialógicas ao mesmo tempo estamos abarcando as relações sincréticas. Esse trabalho apresenta uma

---

<sup>4</sup> O conceito de identidade não é abordado pela teoria bakhtiniana, sendo nesse trabalho tomado como alteridade.

abordagem, em certo sentido, bastante peculiar, ao fazermos uma pesquisa que parte do específico para o geral, mostrando valores do grupo estudado.

No que se refere à relevância social, ela está contemplada nas descrições dialógicas das Santas Cruzes de Beira de Estrada – que são construções do sistema cultural, dotadas de ideologias – em sua relação com o Catolicismo. Assim, não podemos deixar de exibir o caráter pessoal vinculado a essa pesquisa, verificando-se na coexistência com os símbolos e rituais, produzidos pelos nativos que constituem o objeto de pesquisa, juntamente com a proximidade com os discursos vinculados ao Catolicismo.

Nessa conjuntura procuraremos responder a seguinte questão: como as construções das Santas Cruzes de Beira de Estrada dialogam com o catolicismo? Tendo como objetivo geral analisar, do ponto de vista sócio-histórico e dialógico, quais as relações entre o discurso de católicos que constroem as chamadas Santas Cruzes de Beira de Estrada e o discurso oficial da Igreja católica no município de Correntes – PE. Do ponto de vista específico, visamos a: descrever os sentidos dos elementos das Santas Cruzes de Beira de Estrada para os católicos que as constroem e para a Igreja Católica; identificar como os discursos canônicos da religião católica divergem ou convergem com as práticas das Santas Cruzes; e, por fim, explicar a concepção de pertença à Igreja católica e às Santas Cruzes, a partir dos seus discursos nativos.

## 2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA PESQUISA

Nesta seção, discorreremos sobre os conceitos-chave que embasaram a nossa pesquisa, à luz da filosofia da linguagem bakhtiniana em interface com estudos específicos voltados ao debate sobre religião. Para tanto, organiza-se em duas subseções: (i) “A concepção dialógica do Círculo<sup>5</sup> de Bakhtin” e (ii) “A esfera religiosa e suas características”.

### 2.1 A concepção dialógica do Círculo de Bakhtin

Os conceitos trabalhados pelo Círculo de Bakhtin, no âmbito da filosofia da linguagem, voltam-se para uma perspectiva dialógica, que aborda a interação como atos concretos (irrepetíveis, únicos) ou como atos atividades (repetíveis, generalizáveis); portanto, “[...] são atos para Bakhtin tanto as ações físicas como as de ordem mental, emotiva, estética (produção e recepção), todas elas tomadas em termos concretos e não somente cognitivos ou psicológicos [...]”(SOBRAL, 2018, p.28). Nesse sentido, podemos compreendê-los como o agir dos sujeitos, um dos pilares do dialogismo, que traz os traços singulares e também sociais em sua estrutura. O agir do sujeito está relacionado com a perspectiva de alteridade, pois, como cita Sobral (2018, p. 22), “só me torno eu entre outros *eus*. Mas o sujeito, ainda que se defina a partir do outro, ao mesmo tempo o define, é o ‘outro’ do outro [...]”, uma construção dialógica, que ocorre diacronicamente, estando em um constante processo constitutivo.

O processo histórico que o sujeito vivencia e os valores sociais absorvidos por ele irão construir a sua singularidade, que também refletirá o plural. Segundo Faraco (2009, p. 86-87), “[...] o sujeito é social de ponta a ponta (a origem do alimento e da

---

<sup>5</sup> Utilizamos o termo “Círculo de Bakhtin” baseando-nos em autores como Faraco (2009), para nos referirmos ao grupo de estudo do qual Bakhtin e Voloshinov faziam parte e cujas obras tiveram grande destaque. Vale salientar que essa intitulação não é consensual, já que foi empregada a *posteriori* por estudiosos das produções desse grupo.

lógica da consciência é externa à consciência) e singular de ponta a ponta (os modos como cada consciência responde às suas condições objetivas são sempre singulares, porque cada um é um evento único do ser)”.

Seguindo esse pressuposto, é nas interações entre os sujeitos que as axiologias são transmitidas e podem ser modificadas, acontecendo através dos atos enunciativos, que geram uma potência (transformação), exigindo uma tomada de posição, passando por uma avaliação intrínseca, “*responsível*” (SOBRAL, 2018, p. 20 – 21), isto é, que designa a responsabilidade e a responsividade ocasionada pela escolha do indivíduo entre inúmeras vozes heterogêneas; no âmbito externo e interno, essas vozes entram em conflito, discordam, concordam e transformam-se. Nessa mesma direção, Faraco (2009, p.58-60) trata da multiplicidade de vozes sociais, que se entrecruzam e geram outras vozes, não estando voltadas apenas à concordância, já que a discordância também faz parte da pluralidade de vozes sociais e são esses desacordos os responsáveis por questioná-las e transformá-las.

O sujeito abordado pelo Círculo de Bakhtin é refratado pelas axiologias sociais, que são as somas das suas vivências, formando a sua identidade, a sua consciência, e estando, portanto, em constante construção. Ao mesmo tempo que é refratado, o sujeito também refrata o mundo, dando-lhe sentido; assim, não é um sujeito assujeitado socialmente, nem totalmente autônomo, dado que é um sujeito *responsível* por seus atos enunciativos. Para Ducrot (1987, p.164 *apud* BRAIT; MELO 2018, p. 64), “[...] a realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dado existência a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá depois”. Desse modo, quem responderá por esse evento único da enunciação é o sujeito enunciativo, mesmo o generalizável estando situado no intrínseco do discurso, pois “o indivíduo tem de tornar-se integralmente responsável por todos os momentos constituintes de sua vida [...]” (SOBRAL, 2018, p. 111).

Com efeito, os sujeitos estabelecem a comunicação através dos enunciados, sendo o enunciado compreendido como uma “unidade de comunicação, de significação, necessariamente contextualizado” (BRAIT; MELO, 2018, p. 63). Esses enunciados estão situados no campo discursivo, dos sentidos, da compreensão; logo, são construídos na interação por meio de “diálogos”. A propósito, a noção de diálogo na perspectiva bakhtiniana não se restringe à interação face a face, mas ao fato de um enunciado poder se relacionar com outro com que nunca teve contato no tempo ou no espaço – seja falado ou escrito –, estabelecendo as chamadas relações dialógicas. O objeto do dialogismo são, por conseguinte, as relações dialógicas, pois, “para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material linguístico (ou de qualquer outra materialidade semiótica) tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, tenha fixado a posição de um sujeito social [...]” (FARACO, 2009, p. 66), possibilitando a absorção do sentido a avaliação, e, conseqüentemente, a resposta ao dito.

Ao abordarmos as relações dialógicas, estamos nos referindo às relações de sentidos. E, no processo de atribuição de sentido ao mundo, encontra-se a teoria da formação da consciência, que o Círculo de Bakhtin absorveu de Vygotsky. Sob a ótica dessa teoria, não é a consciência que gera a linguagem, mas é a linguagem que constrói a consciência, sendo uma constituição social, haja vista que “[...] as situações vividas chegam à consciência individual por meio da linguagem, no âmbito do processo de interiorização do signo ideológico” (SOBRAL, 2018, p. 107).

Dessa forma, é por meio dos materiais semióticos que o indivíduo adquire consciência, ao absorver os signos nas relações sociais. Assim, os signos são dotados de sentido e diferem de sinal, sendo esse último o objeto físico e os signos

providos de valores; conseqüentemente, os signos são ideológicos. Portanto, a ideologia está vinculada ao universo semiótico, já que para haver ideologia tem que existir sentidos; em outras palavras, “[...] sem signo não existe ideologia [...]” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 29).

Os signos ideológicos estão associados à ressignificação, remetendo os objetos a outras realidades, a valores que foram construídos historicamente pelos grupos, não apenas refletindo o mundo, mas principalmente refratando-o. No processo de refração, o objeto ganha um novo sentido, tal como uma mesa não representa um lugar de fazer as refeições, mas sim um altar; por outro lado, o pão e vinho não representam alimentos, e sim o corpo e o sangue de Cristo. Segundo Faraco (2009, p. 51), “[...] a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos”, já que são múltiplas e heterogêneas.

Nesse sentido, a interiorização dos signos ideológicos acontece por meio das palavras, que são os signos mais flexíveis, puros e neutros, e estão em todas as situações sociais e ideológicas. É a partir delas que ocorrem as ligações entre o interior da consciência e o mundo exterior, constituindo-se o processo de compreensão do mundo através dos discursos internos. Um novo signo surge a partir do aparecimento de uma nova palavra, porquanto nelas residem as marcas das mudanças sociais sofridas ao longo do tempo, ocasionadas pelos conflitos interiores e exteriores. No dizer de Bakhtin (2006, p. 36), a palavra é “[...] o objeto fundamental do estudo das ideologias”; portanto, toma-se a palavra como signo ideológico por excelência.

De fato, uma só palavra contextualizada adquire a função de enunciado e todo o enunciado é ideológico, pois “[...] qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e., no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa [...]” (FARACO, 2009, p. 47). Estando no cenário semiótico, a palavra possui sentido, sendo a significação o que possibilita as réplicas ao dito, as avaliações e as conclusões; para haver respostas aos discursos, o interlocutor deve concluir o que foi enunciado, tomando assim uma posição, de acordo com os valores constituídos ao longo da sua vivência.

A visão referente à ideologia, apresentada por Voloshinov (1998, p. 107 *apud* MIOTELLO, 2018, p.169), pode ser conceituada como “todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sígnicas”. Isso mostra que a ideologia não está restrita à interiorização, pois possui uma relação da consciência com o exterior, materializando-se, sendo uma resposta a algo, e que possibilita ver os valores defendidos pelos sujeitos.

A ideologia também é vista como a “[...] expressão de uma tomada de posição determinada [...]” (MIOTELLO, 2018, p. 169), de acordo com a visão de mundo que o sujeito possui, a qual foi construída historicamente pelo grupo em que ele está inserido. Nessa perspectiva, Faraco (2009) afirma que a ideologia trabalhada pelo Círculo se assemelha, em alguns momentos, à “axiologia”; logo, tudo que tem um valor possui um significado, ou seja, é ideológico. Segundo Bakhtin (2006, p. 30), “[...] o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico”.

As concepções de ideologia abordadas pelo Círculo de Bakhtin adentram nos conceitos marxistas, mas ao mesmo tempo faz críticas a essa abordagem, não concordando com a ideia de que a ideologia seja vista como algo negativo, como “falsa

consciência” (MIOTELLO, 2018, p. 168). Assim, discorda-se do pensamento determinista de que as ideias já vêm prontas, de que são estáveis, imutáveis e construídas pela classe dominante, servindo como disfarce para a realidade. O Círculo de Bakhtin trabalha com o conceito de ideologia pautado não apenas na estabilidade, mas também com o conceito de instabilidade, estando as ideologias em um processo constante de modificação, de refração.

Nesse âmbito, segundo Miotello (2018, p. 176), “[...] a ideologia é o sistema sempre atual de representação de sociedade e de mundo construído a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados”. Esse autor, ao discutir as ideias do Círculo no que diz respeito à ideologia, ressalta que ela está situada em dois níveis: o *oficial* (ou dominante) e o do *cotidiano*. Além disso, a chamada ideologia do cotidiano, possui duas subdivisões: a *ideologia do cotidiano inferior*, que é mais instável, não consolidada socialmente, estando presente nas interações menos elaboradas, não oferecendo nitidez ideológica, como em uma conversa informal ou em um encontro não planejado; e a *ideologia do cotidiano superior*, que é mais elaborada do que a inferior, mostrando uma vertente ideológica clara, estando situada nos grupos organizados, como os diversos movimentos sociais, que possibilitam as mudanças ideológicas através dos conflitos com o nível oficial. A ideologia oficial, por sua vez, exibe uma certa estabilidade e faz parte das instituições sociais hegemônicas, como a religião, a política, a ciência, dentre outras.

Ainda sobre as divisões da ideologia, Faraco (2009, p. 63) afirma que Voloshinov não concebe essas esferas ideológicas de forma independente, mas sim em constante interação, sendo a ideologia do cotidiano a que vai dar o suporte para a ideologia oficial se consolidar, e simultaneamente a renovar, dependendo das novas necessidades sociais que irão surgir ao longo do tempo, passando pela avaliação e aceitação social; só assim acontece o processo de estabilização ideológica, em um permanente movimento do instável com o estável.

É nas esferas ideológicas que as interações acontecem e os grupos sociais atribuem sentido ao mundo, uma vez que é nelas que as atividades humanas são desenvolvidas e revelam características próprias. Nesse sentido, tanto as esferas oficiais quanto as do cotidiano possuem propriedades discursivas que as distinguem umas das outras, pois toda enunciação tem aspectos típicos de onde emerge, do grupo a que o enunciador pertence, para quem está destinada e com qual finalidade, havendo um núcleo, aparentemente fixo, que é a ideologia.

Na comunicação é que passamos a dominar as diferentes esferas discursivas, que apresentam características próprias da atividade humana. Sendo assim, quanto mais interações acontecem nessas esferas, mais possibilidades podem haver de se conhecer as suas características, que são heterogêneas. As esferas se inter-relacionam, podendo uma esfera possuir particularidades de outra: as oficiais se relacionarem com as cotidianas e o inverso também ocorrer. Como diz Zozzoli (2012, p. 346), “[...] quanto mais as possibilidades de comunicação se alargam, mais a dinâmica das mudanças dos motivos, dos gêneros e dos suportes é intensa”.

Por fim, a esfera ideológica discutida neste trabalho é a religiosa, tanto no contexto cotidiano, quanto no contexto oficial, analisando o discurso entre as Santas Cruzes de Beira de Estrada e a Igreja Católica, as convergências e as divergências enunciativas e o sentimento de pertencimento a essas práticas pelos sujeitos responsivos.

## 2.2 A esfera religiosa e suas características

Faraco (2009, p. 59) diz que a cultura é “um universo intrinsecamente responsivo, ele se move como se fosse um grande diálogo”. Dizendo de outro modo, cultura são relações dialógicas, contendo réplicas e axiologias que são transmitidas de geração em geração. Geertz (1978, p. 103), por sua vez, a conceitua como “[...] um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.”

É evidente que a religião faz parte desse sistema cultural, portando conceitos que mantêm a ordem social, princípios morais e éticos, que irão apontar os caminhos bons e ruins a serem seguidos e suas consequências sobrenaturais; diz-se que, através dela, os sujeitos apresentam disposições e motivações para realizarem as boas ações, que serão recompensadas neste mundo ou em outra vida, após a morte. Nessa perspectiva, convém trazer o conceito de religião na visão de Geertz (1978, p.104-105), para quem:

[...] uma religião é (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradoras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 1978, p.104-105).

A bem dizer, a religião está inserida na esfera da comunicação humana que possui características específicas do universo sagrado, com os seus sistemas simbólicos e ritualísticos. Esse domínio da atividade social apresenta traços paradigmáticos, assim como as demais esferas, organizando-se por meio dos seus gêneros discursivos. A esse respeito, Bakhtin (1997, p. 312) afirma que “[...] os gêneros correspondem a circunstâncias e a temas típicos da comunicação verbal e, por conseguinte, a certos pontos de contato típicos entre as significações da palavra e a realidade concreta [...]”. A partir deles, as interações entre os grupos sociais são organizadas, pois cada gênero é utilizado de acordo com os objetivos que os interlocutores desejam alcançar; para isso, deve haver a compreensão dos padrões e das tipificações – não cristalizados – que os gêneros possuem e das situações sociais que os motivam. Como diz Nunes (2017, p. 24), citando Miller (1984), “[...] os gêneros são práticas sociais; por conseguinte, a realização de tais práticas evidentemente baseia-se nas convenções do discurso, as quais são estabelecidas pelos membros da sociedade como forma de agir conjuntamente”.

Na perspectiva bakhtiniana, os gêneros fazem parte de dois grupos: os primários – que surgem de forma espontânea, sem tanta preocupação organizacional, tais com conversas cotidianas, familiares etc. –; e os secundários, em que se observa um nível mais nítido de elaboração, organização e complexidade, tal como o Código de Direito Canônico. Entretanto, convém esclarecer que as peculiaridades de cada grupo não estão voltadas às modalidades da língua oral ou escrita, mas sim à formalidade comunicativa. Ademais, destacamos que os gêneros primários e secundários não são dicotômicos, estando em constante relação (NUNES, 2017).

No que diz respeito aos gêneros discursivos que caracterizam o campo religioso, esses fazem parte do universo sagrado, que, segundo Alves (1986, p. 26), está associado ao invisível. Com efeito, “[...] é ao invisível que a linguagem religiosa se refere ao mencionar as profundezas da alma, as alturas dos céus, o desespero do inferno, os fluidos e influências que curam, o paraíso, as bem-aventuranças eternas e o próprio Deus [...]”. Esse invisível está relacionado, também, a gestos e objetos visíveis, concretos e palpáveis, que são refratados, de acordo com o processo

histórico pelo qual o grupo social passou, atribuindo novos valores, formando os símbolos – ou signos ideológicos, no dizer bakhtiniano –, a exemplo das Santas Cruzes de Beira de Estrada.

Para Geertz (1978, p.103), os símbolos que constituem a religião “[...] funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo [...]”. Assim, os símbolos resumem a identidade de um grupo, exibindo aspectos heterogêneos, únicos e ao mesmo tempo gerais, mostrando as disposições em realizar determinadas ações, como os rituais, as práticas cotidianas que recebem influências, motivadas em alcançar o mundo dos sonhos. Segundo Alves (1986, p. 91), “[...] os sonhos são a voz do desejo. E é aqui que nasce a religião, como mensagem do desejo, expressão de nostalgia, esperança de prazeres”. Esse mundo dos sonhos é exposto por Alves (1986) como o desejo que os sujeitos têm de se libertarem das repressões da sociedade, que ocorrem para manter a ordem, e das próprias repressões individuais, que estão associadas ao modo de vida instituídos socialmente. É nesse mundo que os desejos mais fortes irão se realizar, acabando com todos os medos, sofrimentos, injustiças e tudo que é considerado ruim; é nele que os sujeitos encontrarão a felicidade.

Sob essa concepção, mesmo a religião estando relacionada com o invisível, com os sonhos, ela é considerada verdadeira, e só foi instituída porque existe essa fé nos discursos religiosos, que jamais seriam alicerçados por algo considerado mentiroso. Quintana (1999, p. 41), ao citar Brandão (s/d), destaca que “não é porque uma crença é verdadeira que uma comunidade inteira acredita nela; é porque a comunidade acredita coletivamente nela é que ela é verdadeira”. Essas verdades são consolidadas através dos rituais, das cerimônias, dessa ligação do mundo imaginado, dos sonhos, do sagrado com o mundo concreto, visível e vivido, que irão conter discursos que carregam as promessas que os sujeitos mais almejam alcançar, os relatos de experiência com o sagrado e os objetos, antes apenas um sinal, depois ressignificados em símbolos. Segundo Alves (1986, p. 28), essas ressignificações são transformações “[...] de entidades brutas e vazias, em portadoras de sentido, de tal maneira que elas passem a fazer parte do mundo humano, como se fossem extensões de nós mesmos”.

Voltando para esse mundo dos desejos, podemos dizer que um dos mais fortes desejos do homem é a imortalidade, porém só desejar não muda a natureza mortal dos indivíduos. Logo, é através da religião que o homem encontra um possível caminho para a vida eterna; é por meio dos rituais que o medo da morte é exorcizado. De acordo com Quintana (1999, p. 30), “o homem apresenta uma consciência da morte, contudo, é uma consciência muito particular pois, se, por um lado, ele reconhece que é mortal, por outro, existe uma consciência paralela que a nega [...]”, e são os rituais fúnebres que possibilitam essa crença na transmortalidade.

Os ritos nascem para trazer sentido à vida, quando a realidade é questionada, quando surgem determinadas perguntas como: por que a morte aconteceu de forma repentina e trágica? Para onde vamos após a morte? Qual o sentido da nossa existência? É válido viver e passar por tantos sofrimentos? São os ritos que responderão, preencherão o vazio, atribuirão nome ao desconhecido, com os seus códigos, mensagens e falas. E essa necessidade de sentido se dá porque os sujeitos são constituídos socialmente; assim, presume-se que tudo teria que ter um sentido, uma significação. O próprio corpo só é percebido através da identificação do outro, da alteridade, pois é um espelho social, no qual as peculiaridades do seu grupo estarão presentes, por meio do seu jeito de andar, de falar, de vestir, seus valores, ou seja, o

corpo também é sógnico, uma construção histórica. Como afirma Quintana (1999, p. 45), “não podemos, pois, pensar em um corpo puramente orgânico. O corpo, da mesma forma que qualquer outro objeto, somente adquire existência para o ser humano quando faz parte de um conjunto de representações [...]”

É natural do ser humano a necessidade de significação e, quando surge algo que gera uma desordem, os questionamentos existenciais, a falta de sentido, o que podemos chamar de “feridas simbólicas”, há a necessidade dos ritos para poder restabelecer essa ordem que, uma vez perdida, não voltará a ser como antes, precisando de novos símbolos, afastando a sensação de impotência do homem frente à realidade. A morte é um dos motivos para essas “feridas” surgirem e, juntamente com ela, o sagrado se faz presente buscando a “cura”. A perda do sentido da vida, através da morte, ou de alguma outra forma, gera sofrimento aos sujeitos, e a religião os motiva a aceitarem as suas aflições, mesmo havendo a sensação de injustiça, mas existe a esperança e o desejo de que terá uma recompensa por toda a dor sentida, pois “[...] a dor do homem reflete diretamente a bondade de Deus [...]” (GEERTZ, 1978, p. 121).

É por meio da crença na religião e em seus símbolos – tal como a cruz – que o caos, o desespero e a desordem são controlados. Contudo, para os símbolos serem eficazes, juntamente com os rituais, é necessário a fé na realidade dos mesmos, no que eles estão propondo fazer, através dos discursos transmitidos pelas autoridades, como a Bíblia, o papa, as imagens de escultura, já que se acredita que isso tem uma ligação com o sobrenatural. A bem dizer, esses elementos revelam os dogmas, que são as verdades inquestionáveis. Conforme Quintana (1999, p. 213), “[...] fecha-se toda possibilidade de questioná-la [a verdade]. Qualquer assinalamento de uma contradição na teoria, de alguma falha, passa a ser visto como uma heresia, e quem a proferiu, como um inimigo a ser combatido”.

Contestar a religião é criticar os valores consolidados socialmente, as esperanças de felicidade do povo, as atitudes dos sujeitos e de seu grupo motivadas para alcançar os seus desejos, é questionar o sentido que o povo tem para viver, porque a religião, “[...] declara que vale a pena viver. Que é possível ser feliz e sorrir. E o que todas elas propõem é nada mais que uma série de receitas para a felicidade. Aqui se encontra a razão por que as pessoas continuam a ser fascinadas pela religião[...]” (ALVES, 1986, p. 121).

Ao refletirmos sobre a esfera religiosa, podemos dizer que o seu propósito social é transmitir valores morais e éticos que tentam padronizar o comportamento, as atitudes dos sujeitos, convencendo-os a seguirem os seus ensinamentos, motivados pelas promessas de recompensas, como a felicidade eterna no pós-morte ou pelo medo dos castigos após o falecimento, se não fizerem boas ações em vida. Os gêneros discursivos que mostram as particularidades dessa esfera são, por exemplo, as rezas, as orações, as pregações, os sermões, as ladainhas, as leis jurídicas como o código de direitos canônicos e os manuais como o catecismo. Em relação aos temas religiosos, destacamos a vida eterna, a fé, os deuses, os demônios, relacionados a uma metafísica, isto é, a poderes sobrenaturais que possibilitaram, segundo suas crenças, o surgimento de tudo o que existe.

Adentrando nessa esfera da atividade humana, correspondendo ao mundo religioso, buscamos analisar o diálogo entre as Santas Cruzes de Beira de Estrada e a Igreja Católica, nessas práticas, nas quais percebemos que o principal símbolo que está presente em ambas é a cruz, que é um símbolo que faz parte de várias culturas e possui múltiplos sentidos; é um elemento físico que remete ao metafísico, sendo que todo símbolo é um signo, pois produz sentidos. Assim, “[...] a cruz também é um

símbolo, falado, visualizado, modelado com as mãos quando a pessoa se benze, dedilhado quando pendurado numa corrente [...]” (GEERTZ, 1978, p. 105). A cruz – como principal material visível na Santa Cruz de Beira de Estrada e como um dos principais símbolos católicos – em sua semiose não deve ser compreendida de forma equivalente em ambas as práticas, mesmo os sujeitos pertencendo às duas culturas concomitantemente, pois o sentido é obtido na atividade social em que se encontra, compreendendo também as suas relações dialógicas.

Destacamos que, ao falarmos do catolicismo, também estamos discorrendo sobre o cristianismo, essa religião que tem como base a fé em um único Deus e em seu filho Jesus Cristo, considerado o salvador, que morreu crucificado com o objetivo de libertar os seres humanos dos seus pecados. A crucificação remete ao objeto da cruz, que é um símbolo cristão. Assim, são manifestações do cristianismo: o Protestantismo, a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa e a Igreja Católica Apostólica Romana; todas essas têm como autoridade principal a Bíblia Sagrada. Neste artigo, iremos focar na Igreja Católica Apostólica Romana, que possui algumas peculiaridades em relação às demais vertentes cristãs: o papa no topo da hierarquia eclesial, a utilização de estátuas de santos e a crença no purgatório.

Na esfera religiosa, entendemos que a Igreja Católica Romana com seus dogmas, sua história milenar e seus vários gêneros discursivos secundários que organizam as suas atividades – como a Bíblia Sagrada<sup>6</sup>, o Código de Direito Canônico e o Catecismo, entre outros – está no nível ideológico oficial. Como diz Miotello (2018, p. 174), esse nível desempenha “[...] forte influência no jogo social, por ser o sistema de referência constituído e apossado pela classe dominante, se impõe na relação com a ideologia do cotidiano, e dá o tom hegemônico nas relações sociais, porém não único e nem neutro [...]”. A partir dessa visão, percebemos que as Santas Cruzes se adequam mais às características da ideologia cotidiana, dos gêneros primários, inserida em uma tradição que comporta as necessidades emocionais do grupo que as constrói. Todavia, ao situá-las nesse nível, não as colocamos como inferior às atividades da Igreja, porque as ideologias cotidianas e as ideologias oficiais estão em constante entrecruzamento, através dos diálogos que elas geram.

Ao falarmos em ideologia, conseqüentemente estamos nos referindo aos signos, dado que “tudo o que é ideológico (isto é – entenda-se bem –, todos os produtos da cultura dita imaterial) possui significado, é, portanto, um signo” (FARACO, 2009, p. 47). Os signos são produzidos socialmente e só têm sentido no âmbito social, pois “o mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc. [...]” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 115). Finalmente, para chegarmos ao objetivo da pesquisa “[...] teremos de ouvir a voz da religião, ainda que ela esteja mais próxima da poesia que da ciência”, como diz Alves (1986, p. 117), para assim analisarmos as experiências religiosas a partir dos valores que os sujeitos atribuem ao sagrado no mundo real das experiências humanas.

### 3. METODOLOGIA

Na procura pela compreensão do diálogo entre a Igreja Católica e as Santas Cruzes de Beira de Estrada, utilizamos a perspectiva bakhtiniana dos estudos da

---

<sup>6</sup> A Bíblia é formada por um conjunto de livros e não é considerada um gênero, mas possui em sua composição gêneros discursivos diversos, como os salmos, os provérbios, os cânticos, as parábolas, os evangelhos; esses últimos são os que abordaremos nesse trabalho para apresentar aspectos da ressignificação da cruz no tópico 4.3.1.

linguagem, também conhecida como Análise Dialógica do Discurso (ADD), aplicando a essa pesquisa a abordagem qualitativa, que, segundo Moreira (2002, *apud* OLIVEIRA, 2008), tem a interpretação como base, e o objetivo de apresentar o olhar dos participantes em relação ao objeto da pesquisa; a adequação do pesquisador às situações não planejadas inicialmente, que ocorrem ao longo do processo de coleta de dados; a observação do contexto em que o sujeito está inserido, relacionado às experiências e comportamento dos interlocutores; e a percepção de que o pesquisador influencia e também sofre influência da pesquisa, destacando esses aspectos, não cristalizados, referentes a esse método.

Na realização desse trabalho qualitativo, necessitamos fazer uma pesquisa de campo para coleta das informações, que, segundo Gonsalves (2001, p. 67 *apud* PIANA, 2009, p. 169) “é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto[...]”. As análises ocorreram de forma indutiva, no processo de aquisição das informações, quando desenvolvemos algumas categorias que serviram para iluminar as análises, as quais só puderam ser obtidas no decorrer da pesquisa de campo. As categorias de análise que elaboramos foram as seguintes: o contexto social; os critérios para ser católico; o símbolo da cruz; a concepção de corpo e de alma; a diferença entre morte trágica e morte natural; e o pertencimento das Santas Cruzes à Igreja Católica.

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, sendo utilizadas perguntas pré-estabelecidas – como podemos observar nos apêndices desse trabalho –, formuladas de acordo com o objetivo a ser atingido, as quais foram levadas impressas para as residências dos participantes, lidas e explicadas; quando surgiam dúvidas, em alguns momentos fazendo novas perguntas. Como descreve Oliveira (2008, p. 12) sobre esse paradigma de entrevista, “[...] há o momento das perguntas anteriormente determinadas, podendo ser as respostas relativamente livres. Caso haja a necessidade, o pesquisador pode acrescentar uma questão não prevista, dependendo das respostas dos respondentes”. Os relatos correspondentes às respostas do questionário foram gravados de forma síncrona por meio de aplicativo de voz, posteriormente sendo transcritos.

Para realização da entrevista, foi necessária a localização dos sujeitos da pesquisa, contando com a participação de 5 (cinco) interlocutores residentes no município de Correntes – PE, que tiveram relação com a construção das Santas Cruzes de Beira de Estrada nessa região: familiares que perderam seus parentes, por consequência de acidente de trânsito, afogamento ou queda. Com o intuito de caracterizar esse fenômeno e de observar o seu dialogismo com o catolicismo, precisamos entrevistar também 1 (uma) autoridade oficial representante do catolicismo (sacerdote), mais especificamente o padre que estava na paróquia em 2021, ano da aplicação dos questionários, bem como analisar alguns gêneros discursivos que abordam as regras dessa religião – Bíblia Sagrada, Código de Direito Canônico e o Catecismo –, observando como os discursos canônicos da religião católica se posicionam em relação às práticas cotidianas da construção das Santas Cruzes de Beira de Estrada. Portanto, a pesquisa contou com 6 (seis) participantes no total, sendo empregado o critério de proximidade com os sujeitos e a facilidade de localização desses.

A localização das Santas Cruzes foi de grande importância na observação dos seus aspectos simbólicos, que foram mais bem compreendidos no decorrer das entrevistas. As que foram edificadas nas encostas das rodovias são de fácil acesso, pois é possível observá-las no trajeto da cidade de Correntes-PE até a divisa com o

município de Garanhuns-PE, que são aproximadamente 19 km. No entanto, para encontrarmos as que estão na zona rural, necessitamos de informações dos residentes dessas localidades; só assim pudemos adentrar no setor de tradições religiosas envolvendo os sujeitos que morreram de formas trágicas, cujas mortes ressignificaram a localidade onde o fato ocorreu.

Para atender aos princípios da ética em pesquisa, elaboramos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE), com base no Regimento do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, aprovado pela Resolução CONSUP nº 43, de 30 de maio de 2014, cujo modelo aplicado pode ser visto no anexo deste trabalho.

Nos procedimentos para as análises, necessitamos da geração de dados – que ocorreu com as entrevistas – e da coleta de dados – que se fez por meio do levantamento de alguns gêneros discursivos que embasam as atividades da Igreja. Em todos os momentos, houve a interpretação desta pesquisadora atrelada às bibliografias, possibilitando: (i) a análise dos relatos dos participantes, descrevendo os sentidos das Santas Cruzes de Beira de Estrada presentes nos locais das mortes calamitosas, e comparando com os sentidos dos mesmos elementos utilizados na Igreja Católica; (ii) a identificação das relações de convergência e/ou divergência entre o discurso oficial nos gêneros sagrados da Igreja Católica (Código de Direito Canônico, Catecismo e Bíblia) e o discurso dos católicos que constroem Santas Cruzes de Beira de Estrada, divergindo ou convergindo dos declarados pelos católicos que edificam as mesmas; e (iii) uma possível explicação para o pertencimento dos nativos ao catolicismo, mostrando quais os critérios que eles consideram essenciais para fazer parte dessa religião e se eles avaliam esses elementos como sendo discordantes ou não das construções das Santas Cruzes de Beira de Estrada.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Nessa seção, apresentaremos as análises dos discursos cotidianos dos sujeitos que constroem as Santas Cruzes de Beira de Estrada em sua relação com os discursos oficiais da Igreja Católica acerca dessa prática. Para melhor sistematização dos dados, esta seção está dividida em três subseções: (i) “As construções das Santas Cruzes de Beira de Estrada”; (ii) “Os diálogos do representante da Igreja Católica sobre as Santas Cruzes”; e (iii) “Gêneros do discurso que embasam a ideologia oficial da Igreja”. Esta última subseção, por sua vez, está organizada em três subtópicos, quais sejam: (a) “A ressignificação da cruz na Bíblia”; (b) “O Código de Direito Canônico; e (c) “O Catecismo da Igreja Católica e os ensinamentos do credo aos fiéis”, nos quais mostramos os signos e seus sentidos em cada um desses gêneros discursivos, comparando e observando o entrecruzamento dos diálogos a respeito dos mesmos elementos na esfera de comunicação cotidiana e oficial/religiosa.

#### **4.1 As construções das Santas Cruzes de Beira de Estrada**

O contexto relativo aos sujeitos<sup>7</sup> que edificam as Santas Cruzes de Beira de Estrada está relacionado ao campo. Dos cinco participantes da pesquisa, apenas um mora na zona rural (sempre morou); um dos participantes mora em uma vila, mas a sua vida é voltada para o sítio, para onde vai todos os dias; e três participantes moram

---

<sup>7</sup> Para designar os sujeitos que edificaram as construções, utilizamos um código alfanumérico. Assim, (P) corresponde à “Participante” e, em seguida, a numeração diz respeito a cada um dos indivíduos que foi entrevistado; logo, temos P1 (Participante 1), e assim sucessivamente.

em um distrito situado no município de Corrente, os quais também trazem essa vivência do sítio, pois cuidam do gado e trabalham na roça. Podemos perceber isso no quadro abaixo, por meio dos relatos dos participantes.

**Quadro 1: Relatos dos participantes referentes ao contexto social a que pertencem**

<b>P1:</b> Para o campo ((risos)). Toda a via eu fui criada ni campo né!?!... Ni agricultura, ni tudo e já estô dessa idade e ainda boto roça ((risos)) a meu Deus!
<b>P2:</b> [[Campo]]... É, a gente vê:/tá morando aqui, mar eu vivo no::/lá na... no sítio né!? No campo, o sítio é o campo né!? <b>P2:</b> [É, cuidando das coisa do... ( ) tava cum bem uma hora nera!? que eu tinha chegado nera!? de lá, fui pranta umas macaxera.
<b>P3:</b> Trabalhava não, trabai. ((risos)) mar no campo.
<b>P4:</b> Meus pai era do sítio, minha vó era do sítio, eu sou do sítio.
<b>P5:</b> Tudin, tudo mermo... meu pai... na/nasceu e se criou tudo nascemo na zona rural.

Fonte: Acervo da pesquisa.

Todos se consideram católicos, pois os 5 foram batizados, critério essencial para ser um fiel católico, segundo o Código de Direito Canônico (CDC) da Igreja e o Catecismo da Igreja Católica (CIC), que serão discutidos mais adiante. Dos 5 (cinco) participantes, 3 (três) fizeram todos os sacramentos, 1 (uma) não fez a eucaristia e 1 (um) não lembra se fez a crisma. Os critérios para ser católico, segundo 2 (dois) dos participantes, é a fé; 1 (um) acredita que é a participação nas missas; 1 (um) alega a vivência com os pais, que eram católicos, então ele sempre foi católico; e 1 (um) não soube responder, mostrando a heterogeneidade dos discursos. Em todo caso, a fé parece ser o que é mais considerado para pertencer a essa religião pelos participantes. Como diz Alves (1986, p. 25), ao falar sobre o sagrado “[...] somente os olhos da fé podem contemplar [...]”. Em seguida, temos o quadro 2 com as percepções dos critérios para pertencerem à Igreja Católica.

**Quadro 2: Relatos dos participantes referentes aos critérios para ser católico**

<b>P1:</b> É tê fé em Deus né!? É, porque... católico num é pá tê fé em Deus né!? E fazê coisas boa né!? Acho que sim. ((risos)) Tu que diga... É. <b>P1:</b> Me batizei-me, eu fui crismada, tudo. Me confesso, tomo a hóstia.
<b>P2:</b> é/é o caba li participá da missa né!? É::: todo mês e: aí tem o teço dos homi também que a rente é: participa toda teça... pronto a religião é essa. <b>P2:</b> É, todo percurso da Igreja, graças a Deus. Casado no civil, na Igreja e: batizado e: crismado né!? Agora só que quem crismo eu já morreu, foi ((nome do padrinho)) meu padrim... padrim de crisma.
<b>P3:</b> De fato queu já nasci católica né!? Meus pai era católico e eles não...
<b>P4:</b> A fé. <b>P4:</b> fui batizada.
<b>P5:</b> batizado... fui batizado, fui batizado... já fizesse, já... cirmei-me.

Fonte: Acervo da pesquisa.

A concepção acerca do símbolo da cruz pelos nativos está associada à morte, à fé em Deus, ao catolicismo e à salvação, sentidos que são trabalhados na Igreja, a partir da Bíblia. A propósito, observaremos alguns pontos deste livro considerado sagrado em seção subsequente. Dos 5 (cinco) participantes, 4 (quatro) relacionaram o símbolo da cruz a uma lembrança do sujeito que morreu, de acidente ou matado; e 1 (um) associou à missão salvífica de Jesus, conceituando as Santas Cruzes como casinha de oração, em semelhança a um oratório – não oficialmente, porque aquela não tem a bênção do bispo, como veremos no CDC. Mesmo sendo essa uma prática não reconhecida pela Igreja, se é para os sujeitos saberem que alguém morreu naquele local, também podemos dizer que é para rezarem pela alma do falecido que

se edificam as Santas Cruzes, tornando-se um lugar sagrado, que jamais será visto como antes do falecimento, pois está associado ao invisível, que se encontra em constante relação com a morte.

### Quadro 3: Relatos dos participantes referentes ao símbolo da cruz

<b>P1</b> - [bota a cruz mode se lembra cum/aquele, que aquele morto morreu, naquele tempo, no tempo que, tá com muitos anos e tudo... povo sabê que aqui é de fulano né!? Morreu, qué meu marido ((nome do marido))... o nome dele é ((nome do marido)).
<b>P2</b> – É uma lembrança né?! Fica aquela lembrança da pessoa, porque... se num tivé um sinal é: lá no/no/no lugá onde foi morto aí num, ninguém sabe que a pessoa morreu ali oi/o de acidente o matado né!? O meu foi de acidente que foi o meu menino o ((nome do filho))... acho que você se lembra de ((apelido do filho))?
<b>P3</b> – Aí a pessoa diz “é de fulano, é de cirano” e:: é uma lembrança. <b>P3</b> – Importância da cruz é porque a pessoa considera né!? O esposo ou um fie, ou seja lá o que fô, e a gente coloca lá, porque a gente é católico né!? A gente considera, aí coloca a cruz.
<b>P4</b> – que nosso senhor morreu na Cruz né?!... e o certo mermo toda casinha de oração tê a cruz da salvação... das pessoa que Deus levô... eu penso assim, eu num sei se eu tô certa ou tô errada.
<b>P5</b> – é porque a::acontece os acidente as pessoa... faleceu aquela pessoa aí a gente, os dono faz aquelas/aquelas/aquelas, fistos aquelas cruz né!? Fica pô lembrança.
<b>P5</b> – a importância da cruz é a rente tê fé em Deus né!?!...

Fonte: Acervo da pesquisa.

Em relação à sua visão de sujeito, os nativos os compreendem como sendo compostos por corpo e alma. Analisando o quadro 4, compreendemos que o corpo é o material, o visível, mortal, um transporte que carrega a alma, que é esse aspecto invisível, imortal e sagrado, a essência dos seres humanos, as suas axiologias, que viverão eternamente no pós-morte. Podemos dizer que a alma é a consciência do ser, que tem em vida o livre-arbítrio, e que a Igreja tenta moldar essas escolhas para haver a cura do pecado e a salvação, pois a alma do sujeito será julgada por Deus no juízo final, se tiver feito boas escolhas obterá a recompensada no céu, conforme se abordará mais adiante<sup>8</sup>.

### Quadro 4: Relatos dos participantes referentes à concepção de corpo e de alma

<b>P1</b> – [[ ( ) ]]. É porque o corpo a gente vévi nesse mundo e samo vivo e a alma é material ãh/é/é espiritual né!? [É.
<b>P2</b> – A diferença entre al/alma e o corpo? Porque quando a alma tá no corpo para/a pessoa tá vivo e quando morre aí a alma fica só né!? Aí ninguém sabe pá onde é quela vai.
<b>P3</b> – A diferença, a diferença da alma é o corpo, porque se a/a ca/o co/ o corpo num tivé, se a:: o corpo num tivé alma cuma vai que a pesso/pessoa vai vivê... tem que tê a/a/a aima e tê o corpo né!? Morreu a/a/a o corpo vai pô chão... e a alma só Deus sabe pondé que vai né!?
<b>P4</b> – todos nós que morre o povo diz assim “fica a alma”, não minha gente, a alma da gente sai quem fica ali só é o corpo ou a família... as alma num fica ali... amarré Deus, só ni/só quem sabe onde bota é Deus, nós num sabe de nada não... mas eu acho assim né!? Num sei... eu penso assim.
<b>P5</b> – é que a rente, a rente, a alma da gente é a rente... a rente tá, a alma da rente é promessa de levá pra Deus né!?

Fonte: Acervo da pesquisa.

Mesmo sem o corpo, a alma pode continuar atuando no mundo dos vivos, de acordo com relatos de casos de assombração, penação, vagação, contados por 4 (quatro) participantes, ficando por um tempo no local que morrem, até chegar o tempo que Deus leva a alma para o lugar merecido, remetendo ao julgamento citado no tópico 4.3.3. Os nativos apresentam os fatos alicerçados em algo que ouviram de outros sujeitos ou tiveram alguma experiência que não souberam explicar em um lugar

<sup>8</sup> CIC 1997, n. 1038.

com histórico de morte calamitosa, tomado pelo sagrado. Compreendemos esses discursos como sendo uma manifestação da ideologia cotidiana dos sujeitos, pois não têm nenhum respaldo nos gêneros secundários do discurso oficial da Igreja, uma vez que ela não traz esse cenário das almas dos mortos, estando no mundo dos vivos.

**Quadro 5:** Relatos dos participantes referentes à vagação da alma de quem morreu tragicamente

<p><b>P1</b> – Era, fazia puf na parede. Era cum poco era o/o naquele mulungu que tinha um/um/uma ninhada de poico, os poiقيم novo quando o povo passava já era correndo a toda carrera parte... atrás daqueles povo, era aquele trumento. Tinha um nego, sartava no mei da estrada cum/cum um/um dente de or/de fogo de oro num sei cuma era, ave Maria! Era um medo tão grande no/morava ali mar era um/um nois tinha muito medo.</p> <p><b>P1</b> – desde quando mataro o pai de cumpade ((o nome da pessoa)) que ficó assim... Agora acabou né!?</p>
<p><b>P3</b> - [eu num sei não mulé... eu num sei não, umas pessoa diz que existe malassombro, mas... diz né?! Que vi/umas pessoa vê, mas... é que diz né!?... Eu sei que mermo nunca vi não. ((risos)) mermo nunca vi não, mas umas pessoa diz que, as vez tem/tem mais as cruz, no canto que morre gente vê as coisas.</p>
<p><b>P4</b> - [oi pá... é porque pra vê se aquela alma tem um sossego né!? num tá vagando... pá num tá vagano, tem que tê meno um cantinho po espito chegá lá e tê um cantinho dele... pá num tá vagando, a boa cruz é muito importante... home eu boto uma cruz pra protegê a alma daquele que a/aquela pessoa que Deus levô... já potrege.</p>
<p><b>P5</b> – [ ] colocá aquela cruz pá: pá alma da pessoa num fica: muitos fica vagano pelo mundo né!?</p>

Fonte: Acervo da pesquisa.

A concepção de vagação da alma remete, também, ao que o participante revela sobre ver estas aparições no campo. Segundo ele, as almas aparecem na zona rural, por ser um local que à noite é escuro, o que facilitaria enxergá-las. Entretanto, estas enunciações nos levam as histórias que são contadas por vários sujeitos e alicerçam a crença em assombrações, como as que são citadas pelo próprio participante, que podem suscitar a imaginação em momentos que faltam explicações para determinados fenômenos, principalmente quando não se tem clareza do que é visto.

O campo também ganha destaque com outro participante, o qual transmite os discursos da avó, demonstrando respeito pelo conhecimento dos mais velhos, do sítio e a absorção de suas crenças, ao transmitir a história de que a alma pode “acompanhar” o sujeito, por não ter feito as Santas Cruzes, sendo estas importantes para a salvação do falecido e para quem as edifica.

**Quadro 6:** Relatos dos participantes referentes ao campo e à aparição de almas

<p><b>P1</b> – É, porque nas cidade tem muita luz, muita né/né!? Assim no claridão, aí ninguém vê nada né!?</p> <p><b>P1</b> – O povo vê muita luz... Ali ôi na/na... quando eu vinha de Garanhuns, aí eu vim de noite... e ali perto, num tinha a casa de tia ((nome da pessoa)), mas tinha uma luz tão grande ali, que tá/eu digo assim, MEU DEUS DO CÉU QUEM SERÁ AQUILO QUE TÁ ALI!... é na/e eu me lembrei logo do finado ((nome da pessoa)).</p> <p><b>P1</b> – E a menina de ((nome da pessoa)) aqui sá sombrô, viu u/uma coisa branca pro lado dela, gritou tanto no mundo, já era tarde da noite, eu quage que morri de tanto medo. ((risos)) camo tanto dia assustada... e ela viu/ela saiu car luz tudo acesa, ela viu uma/uma pessoa impé cum panão branco assim, todo de branco... mar ela deu tanto grito no mundo que assombô todo mundo.</p>
<p><b>P4</b> - [não mulhé, não minha vó sempre falava, minha vó, que Deus bota muito ela um bom lugá... minha vó sempe dizia, ó aconteca o que acontecê... meu popré pessoa de você, faça um/uma cruz, faça a casinha de oração... pode sê ne pista faça... aí eu perguntava, quela era pessoa de idade, de sítio, e disse não minha fia, poque o certo esse... a salvação da/da/aquela espito tá ali, porque ele num vai acompanhar você, ele vai tá ali no cantinho dele...</p> <p><b>P4</b> – e uma coisa é a proteção, do esprito dele, num é do seu esprito, é do esprito de/de/de quem ele quem morreu... era minha vó, minha vó falava muito essas coisa, essas... povo de sítio, minha fia, sabe mais do que a gente né!?</p>

Fonte: Acervo da pesquisa.

Em relação à morte trágica e à morte natural, estas são vistas de formas diferentes. Segundo os relatos, a morte natural é mais aceitável, compreensível, enquanto a morte calamitosa gera maior sofrimento. Os termos utilizados pelos sujeitos da pesquisa para descrevê-la remete à dor da perda, pois relatam que a morte trágica é mais “pesada”, “grave”, não há o conforto, como na morte natural, porque pensam que quem morreu assim poderia ainda estar vivo, poderia ter evitado, não era a hora de morrer. Compreendemos que, talvez por isso, a alma fique vagando, o que nos remete aos rituais que são utilizados para dar sentido à vida, visto que esses casos de morte geram mais dor do que as mortes naturais; assim, exigem um processo ritualístico maior, como a produção das Santas Cruzes. No quadro 7, temos a percepção dos participantes referente a ambos os tipos de morte.

#### **Quadro 7:** Relatos dos participantes referentes à diferença entre morte trágica e morte natural

<b>P1</b> – É: as vez quem morre assim de acidente, as vez fica vagano né!? o povo né!? É:... que nem lá/na ne casa, na casa de mãe era tanto malasombro ((risos))... [nós tava in casa...
<b>P2</b> – a situação é: mais grave que o caba, o sentimento nunca passa... nunca passa. É::, vai fazê vinte e um ano agora no dia vinte de janero, deche janero que vem e é mermo que sê agora. E quando morre de doença que Deus dá aí você... ne/nem lembra, nem lembra a/a/a/a/a tradição é ota.
<b>P3</b> – é, é, diz o povo né!? Qué uma morte... uma morte... pesada.
<b>P3</b> – A pessoa tá vivo, no mesmo instante tá bejano o vido... É uma diferença muito grande.
<b>P4</b> – E coisa matada e acidente é muito diferente... as coisa de Deus é uma coisa que tá ali morreu pronto, já acidente já é uma coisa diferente, já é uma coisa pesada... e gap/quando Deus leva é uma coisa que Deus levô, se todas foi Deus mermo, que node todos nos tem uma missão aqui na terra... nós num somo feito de ferro, nós somo feito de carne e osso... cada nós tem uma missão... só que Deus num chegou pra dizê... pelo dia dia, pelo pelo pelos tempo que a pessoa todas elas tem uma missão... mas eu acho assim, que as coisa quando Deus leva assim num tem a:: chegou a hora... de tá mais Deus, Deus levô, acidente já é mais... abalado muito... tem vez que té é pessoa que procura... ainda que tem força, mais tem gente que ainda... pudé evitá... tem muitas coisa que a gente pode evitá, mas tem gente que não gosta de evita... porque o pai de meus filho foi um... se ele pudesse evitá ele tava vivo aí... mais ele num quis aí... isso é a vida... e o distino.
<b>P5</b> – é/é/é a rente que/que morre assim aí fica:: o povo diz essa alma da pessoa fica num sei cuma, fica pelo mundo... a rente num morremo em casa, morremo/a rente morremo ante da hora, poque quem morre desse jeito, a rente disse, o povo disse que ninguém morreu na/num tinha de morrer daquilo ali né!?

Fonte: Acervo da pesquisa.

Quanto aos elementos utilizados nesses locais tidos como sagrados, além da cruz, é comum encontrar também santos – em alguns casos quebrados. Acerca disso, 2 (dois) participantes afirmaram que não jogam fora as imagens destruídas, não descartam, porque se trata de algo sagrado, que merece respeito; 1 (um) alegou que são as pessoas que os quebram; 1 (um) disse que o motivo da quebra é o desprezo, por isso acabam quebrando; e 1 (um) não respondeu. Entretanto, o descarte dos santos quebrados não é especificado pela Igreja em seus gêneros discursivos, como veremos no CDC no tópico 4.3.2. Mesmo assim, os fiéis<sup>9</sup>, ao temer pelo desrespeito aos santos, não os jogam fora, mas os colocam em um ambiente que consideram sagrados.

Outro elemento encontrado nesses locais são os restos de velas, as quais associamos às rezas. Dos 5 (cinco) participantes, 2 (dois) destacaram o Dia de

<sup>9</sup> No tópico 4.3.2, falaremos do conceito de fiel para o CDC e é nesse sentido que utilizamos este termo.

Finados como sendo o momento para fazer o ritual de ir às Santas Cruzes, já que é o dia em que muitos católicos vão visitar os túmulos, para rezar pelas almas dos falecidos e mostrar que se lembram deles, sempre cuidando do local, preocupando-se em exibir o carinho, o amor, o respeito pelo morto, para que onde ele estiver supostamente perceba que não foi esquecido. Além disso, serve também para os vivos verem que os familiares sentem falta, gostam do falecido e por isso zelam pelo lugar da sua morte, por quem rezam e para quem fazem peregrinação anualmente. Voltando ao contexto de rezas, velas e santos, temos nos relatos a evidência da função de levar a alma para um bom lugar, o que se percebe nos discursos que se materializam em “clarear, encomendar a Deus, juntar a alma com os santos”. O quadro 8 contém esses relatos.

**Quadro 8:** Relatos dos participantes referentes a velas, santos e rezas nas Santas Cruzes de Beira de Estrada

<p><b>Sobre as velas:</b>  <b>P1</b> – paquela/vê se aquela aima se/se tivé num mal num/num lugá ruim é claridade né!? Clareia.  <b>Sobre os santos:</b>  <b>P1</b> – [[Os santo quebrados, é]]... mode num joga no mato né, Porque e/eles são bento... aí num joga no mato porque a veiz um dia ele... a gente tem medo de joga no mato né, porque as coisa que/as coisa de Deus né!?</p>
<p><b>P2</b> – Acendê vela, reza o teço, todo dia de finado.  <b>P2</b> – [é uma lembrança né!? É uma lembrança é que a o quem morreu merece tê um Santo junto né!?</p>
<p><b>P3</b> - [é tu/quêr num pá num jogá no lixo, joga no/botá lá nas/nas casa né!?...Quê a imagem a gente considera né!? A imagem né!? Aí quebrô, aí num qué jogá no mato, aí coloca lá.  <b>P3</b> – proque ficô, ficô desno do começo do mundo...  <b>P3</b> – Quê pe/tem estaca a pessoa acende vela.</p>
<p><b>P4</b> – tem, quele gostava de santo... é:: dele só no/isso é obrigação de todos nós, quando uma pessoa morre, a pessoa sempre tem que acendê uma vela pô... pro espirito descan/descansá em paiz, passa muitos anos de vida sem nós... e as pessoa que morre gosta muito, era devoto a Deus aí...  <b>P4</b> – a pessoa bota um santo pá/pra dá mais acolhi/potregê pra... comé que isso vô explicá? Para [ ]... se ele fez coisa boa aqui no mundo, aqui né!? Lá Deus sabe lá... o que vai fazê... que Deus num sabe é de nada, mas Deus sabe mais do que a gente.</p>
<p><b>P5</b> – a rente a:: a rente acende aquela vela dia de finado, a rente cende aquela vela, pá num se lembrás cum né!?  <b>P5</b> – de incumendá a Deus, tudo.</p>

Fonte: Acervo da pesquisa.

Os dados mostram que os 5 (cinco) participantes acreditam que a prática das Santas Cruzes de Beira de Estrada faz parte dos rituais da Igreja Católica, por causa do formato das edificações – que remete às estruturas das Igrejas –, devido ao símbolo da cruz, que reflete um importante dogma dessa religião – a crucificação de Jesus – e porque os sujeitos que morreram eram católicos, demonstrando a fé deles, além da tradição que é reproduzida por gerações, sendo essa mais uma forma de reprodução. Observemos os relatos contidos no quadro 9.

**Quadro 9:** Relatos dos participantes referentes ao pertencimento das Santas Cruzes à Igreja Católica

<p><b>P1</b> – porque ele é católico né!? E a pessoa e ele er... a região dele é Católica aí... faz parte dela/da Igreja Católica né!?</p>
<p><b>P2</b> – e/eu acho que sim... quê... quem é Católico a/o/é:... faz aquela cru/cruz pro mode fica aquela lembrança que a pessoa era da Igreja também e pincipalmente ele, que ele tinha uma bibria, só vivia com a bibria na mão o meu galego...Aí por isso que a gente fizemos a cruzinha lá cum mode fica a lembrança dele né!?</p>

**P3** – Mas se num tivesse a cruz, também ninguém butava né!? Poque na vida católica da gente... se tem a/a cruz, tem que coloca, desno do começo do mundo que existe a cruz...

**P4** – num tem nada de Deus que não tem cruz... só quem num quiserem butá. Se você vai pá Igreja tem a cruz de Jesus Cristo... num tem pra onde ir, num tem, num tem, se fazê uma coisa tem que tê cruz... já é de, já é, já é de nascença já essa religião, tudo que fizer tem cruz e aliás a cruz é a proteção de todo mundo... que Deus deixô pra gente né!? Só é a gente tê fé.

**P5** – poque a gente, quando a rente faz uma, uma, a rente vê a Igreja tem a cruz e a rente quando faz uma casinha pá pessoa que morre bota, tem a cruz também, poque a rente tinha, fica cum aquela lembrança né!?

Fonte: Acervo da pesquisa.

Diante do exposto, os sujeitos que edificam as chamadas Santas Cruzes de Beira de Estrada mostram o sentimento de pertencimento à Igreja Católica, porque os sentidos dos elementos desta prática, separadamente, são atrelados a esta religião. No entanto, o conjunto de todos esses signos, juntamente com a morte trágica e as bases das suas crenças – que passa a ser o povo, a avó, o outro, aqueles que contam histórias de experiências com o sagrado – não tem alicerces nos gêneros secundários sagrados – a Bíblia, o CDC e o CIC – que sustentam o discurso oficial, o que nos leva a situar essa prática no âmbito da esfera discursiva cotidiana.

## 4.2 Os diálogos do representante da Igreja Católica sobre as Santas Cruzes

A cruz para a Igreja é voltada à morte de Jesus, ou seja, é um dos principais dogmas da religião católica, que a utiliza em seus rituais, como missas, procissões, enterros, túmulos e em sua estrutura – nos topos das Igrejas e nos altares. Sob essa ótica, ela foi ressignificada como símbolo do amor de Jesus pela humanidade e os cristãos católicos a utilizam para demonstrar sua fé no Messias, que morreu crucificado sem merecer, para libertar a humanidade dos seus pecados, vencendo a morte através da ressurreição. A utilização desse símbolo por um cristão reflete a história de sacrifício, a vitória sobre a morte e a promessa de vida eterna, que está contida na Bíblia, livro que é utilizado como uma fonte de autoridade pelo catolicismo. Podemos perceber o sentido que é atribuído à cruz pela Igreja Católica através dos relatos do Representante da Igreja (RI) – o sacerdote – nos enunciados a seguir.

### Quadro 10: Relato do RI referente ao símbolo da Cruz

**RI** – É, a cruz... representa o/o amor de Jesus, o sacrifício de Jesus, o sofrimento, né!?... É um símbolo que lembra a vida doada de Jesus, né!?... É um símbolo antigo, desde o começo da Igreja que... a cruz foi guardada no coração dos cristãos católicos como... é:: uma lembrança da morte de Cristo, do seu amor por nós até o fim né!?... e se torno uma identidade, um símbolo que identifica o cristão Católico né!?

**RI** - [sim, pra o cristão católico, pra o cristão católico a cruz no túmulo era a paixão e morte e ressurreição de Jesus, a vitória de Cristo sobre a morte né, a minha fé... aqui está enterrado um cristão... porque a cruz sempre foi é::.....desde o começo da Igreja, até nas cartas dos apóstolos já a cruz era venerada né!?...

**RI** - São Paulo vai dizer, “eu me glorio na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”, na carta aos Gálatas né!?... e ele diz “tem gente que é inimigo da cruz de Cristo” ( ) lá na carta aos filipenses, na carta aos coríntios... ele diz na carta aos coríntios, é... eu prego o Cristo Crucificado.

#### Onde a Igreja utiliza a cruz:

**RI** – Olhe... nas procissões né!?... na o início da missa, nos/nos altares principais da Igreja... a cruz é sempre é:: colocada né!?

Fonte: Acervo da pesquisa.

Assim como os fiéis afirmam ser a fé o principal critério para ser católico, o sacerdote da Igreja também caracteriza a fé em Cristo como ponto central para

participar do catolicismo; porém, destaca que a iniciação nessa religião é através do batismo, que é o sacramento que necessita ser feito para atuar na Igreja e realizar os demais sacramentos, posteriormente, que estão dispostos em forma hierárquica. Vejamos no quadro 11 esse relato.

#### **Quadro 11: Relato do RI referente aos critérios para ser católico**

**RI** – Como critério a fé né!? a fé... na pessoa de Jesus Cristo... ressuscitado... e ... sabê que essa fé se vive dento da comunidade de Jesus, a Igreja né!?... e querê né!?... querê vivê essa fé né!?  
**RI** – O batismo é a porta de entrada de quem qué vivê a fé... depois vem, é/é como um degrau, vai subindo né!?... tem que tá em completo né!? Tanto é que a pessoa tem que receber pra vivê, se não fô pá vive é melhor não/nem chegar perto.

Fonte: Acervo da pesquisa.

Os sujeitos que edificam as Santas Cruzes apresentam a compreensão de materialidade do corpo, palpável, mortal e a alma como sendo a parte imortal do ser humano (cf. Quadro 4), sentido esse que também é exposto pelo representante oficial da Igreja católica, por meio do termo “interioridade”, que nos remete à personalidade, à consciência, à individualidade de cada ser, esse aspecto que terá a vida eterna, no pós-morte. O contexto a que não se alude é o das almas atuando no mundo dos vivos, as assombrações, as vogações, nos levando a interpretar como algo que não faz parte do catolicismo, na visão oficial. Vejamos.

#### **Quadro 12: Relato do RI referente à concepção de corpo e de alma**

**RI** – Alma e corpo oquei... o corpo é nossa materialidade né!? A alma é nossa... interioridade né!?, interioridade da pessoa humana né!? Mistério da pessoa humana né!? Que/que é... imortal né!?... o corpo desaparece, mas a pessoa permanece né!?... Aí... é a/a materialidade que tem o corpo, o corpo né!? A alma é a interioridade né!? da pessoa humana né!?

Fonte: Acervo da pesquisa.

Quanto à morte, seja trágica ou natural, a finalidade é a mesma: o encontro com Deus. Segundo o representante da Igreja, os rituais são os mesmos (as exéquias), que é a encomendação do corpo do falecido a Deus; as orações que pedem o perdão dos pecados e a condução para a vida eterna; também tem as missas de sétimo dia e de trinta dias, entre outros ritos (cf. Quadro 13). Nesse sentido, a diferença que é apresentada são as mensagens de conforto pensadas para a liturgia, as quais são escolhidas de acordo com a morte, e com a comoção que gerou, sendo estas palavras da celebração que ajudarão no processo de atribuição de sentido.

#### **Quadro 13: Relato do RI referente à diferença entre morte trágica e morte natural**

**RI** – A bem, a gente a faz adaptação né!? Cada caso, mas o rito é a/a questão da religião, a oração... é antes do/do/do: do sepultamento... as orações, as devoções, que o pessoal é reza também o teço e outra devoção e a missa, geralmente, de/de sétimo dia, trinta dias né!?... e sempre lembra, lém desse, nas missas dos falecidos, os falecidos, parentes sempre mandam pedi pra que reze por eles né!? Agora claro, cada caso é um caso, entre essa, a/al/a/a... a liturgia, pelo contrário de uma pessoa falecida tragicamente é diferente duma pessoa que i/idosa, que tá a vários tempo na campa né!? Uma criança, aí tem toda adaptação pra... pra o rito né!?

Fonte: Acervo da pesquisa.

As imagens dos santos, por sua vez, são tratadas pela Igreja com devoção e respeito, uma vez que representam exemplos humanos a serem seguidos, por suas atitudes para com o próximo e principalmente por sua fé em Deus e na vida eterna após o falecimento. Sob esse ponto de vista, os santos são entidades a quem os fiéis, quando almejam algo, pedem a intermediação para com Deus, por acreditarem em

sua proximidade com o criador. Nas Igrejas e casas de católicos, é comum haver muitas imagens, por se tratar de objetos sacros. Entretanto, quando uma imagem é quebrada na Igreja, faz-se a restauração/dissolução, ou – como é abordado pelo sacerdote no Quadro 14 –, se for de gesso, dissolve-se; se for de madeira, restaura-se. De qualquer maneira, como são sagradas, tem que haver um cuidado para com elas.

**Quadro 14:** Relato do RI referente ao destino das imagens de santos quando quebradas

**RI** – aí geralmente se quebra... a gente... se é de gesso dissolve na água, joga numa planta, se não interra né!? Simples, ou se não restaura né!? Dependendo da/imagem se é de gesso ou de madeira são restaurada, por exemplo aquela ali foi restaurada na Igreja foi tudo restaurada.

Fonte: Acervo da pesquisa.

As Santas Cruzes de Beira de Estrada não são, portanto, uma prática que é considerada da Igreja Católica, segundo o sacerdote, que as descreveu como “religiosidade popular”. Percebemos, nesse caso, uma tentativa de distanciamento do “catolicismo”, hierarquizando com o termo “popular”, que, segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2001, p. 545), significa “1. Do, ou próprio do povo, ou feito por ele. 2. Simpático ao povo. 3. Vulgar, trivial [...]”. Interessante observar que, mesmo a Igreja sendo constituída pelo povo, ela se encontra na ideologia oficial, esse mesmo povo que constrói as Santas Cruzes, que estão voltadas à ideologia do cotidiano, por isso a tentativa de afastamento da Igreja com o termo “religiosidade popular” e não “catolicismo”. Ao mesmo tempo, o RI não apresenta oposição às construções das Santas Cruzes, quando fala que é “questão do coração”, mostrando certa compreensão acerca da dor do sujeito que perdeu seu familiar e, por isso, necessita desse ritual para suavizá-la. Embora as Santas Cruzes de Beira de Estrada não sejam consideradas como uma prática do catolicismo, os sujeitos que as fazem são considerados católicos, pelos seus percursos na Igreja, e não as veem como algo que diverge da religião. Quando o sacerdote utiliza o signo “oratoriozinho”, percebemos uma marca do discurso cotidiano, mostrando o entrecruzamento de ideologias.

**Quadro 15:** Relato do RI referente ao pertencimento das Santas Cruzes à Igreja Católica

**RI** - É questão de religiosidade popular, né do pessoal que... é, a pessoa faleceu aqui de acidente, o sei lá fala, aí faz uma ca/um oratoriozinho, uma cruz, que é pra lembra né!?

**RI** – É questão lá do coração né!?

Fonte: Acervo da pesquisa.

Os discursos do representante da Igreja Católica têm como fundamento principal as chamadas Sagradas Escrituras (Bíblia), como podemos ver no Quadro 10, quando faz citações a São Paulo (“*São Paulo vai dizer, ‘eu me glorio na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo’, na carta aos Gálata né!?!..*”), diferentemente dos discursos relativos às Santas Cruzes, cuja autoridade advém das tradições dos sujeitos que fazem parte daquele grupo social e transmitem as crenças sem uma base nos documentos oficiais da igreja (gêneros secundários); porém, isso não significa que sejam menos importantes. Além disso, destacamos a visão da Igreja referente à alma, que não muda de acordo com o tipo de morte, pois só se alterariam as mensagens de conforto aos familiares, para ajudar na restituição dos sentidos à vida do sujeito que sofreu a perda.

### 4.3 Gêneros do discurso que embasam a ideologia oficial da Igreja

Nesta subseção, transcorreremos sobre alguns gêneros discursivos sagrados que respaldam as atividades do catolicismo: a Bíblia, o Código de Direito Canônico (CDC), e o Catecismo da Igreja Católica (CIC), com ênfase para os elementos que fazem parte das Santas Cruzes e, ao mesmo tempo, da Igreja, observando se os sentidos são equivalentes em ambas as práticas, por meio do entrecruzamento dessas esferas comunicativas cotidiana e oficial.

#### 4.3.1 A ressignificação da cruz na Bíblia

Desse conjunto de livros – mais especificamente no que diz respeito ao gênero discursivo evangelho –, destacaremos a história da morte de Jesus, que trouxe um novo sentido para a cruz. A crucificação era um tipo de pena de morte que não foi específica da sociedade romana, pois os povos persas, japoneses, hélades, entre outros – citados por Palma (2011) – também utilizavam essa condenação, mas foi Roma que ganhou visibilidade por causa da Bíblia, que descreve o processo de sofrimento pelo qual Jesus passou até sua morte.

A crucificação era utilizada para servir de exemplo àqueles que decidissem enfrentar o governo, uma punição pública – do Estado –, mostrando as humilhações, e as torturas sofridas para manter o domínio, através do medo. Palma (2011, p. 27) afirma que, no Império Romano, “[...] a pena, prioritariamente, era destinada aos escravos e a todos àqueles que se rebelavam contra a soberania imposta pelos ditames opressores do império”.

A história de Jesus, contida na Bíblia – referente à condenação e à morte, o motivo, o julgamento e todos os martírios –, é evidenciada nos livros de Mateus, Marcos, Lucas e João – os chamados evangelhos –, os quais descrevem a prisão a mando dos sacerdotes, que o levaram a ser julgado por Pôncio Pilatos, o governador da Judeia – que também não é neutro –, se bem que quem deu a sentença foi o povo, motivado pelos sacerdotes. O livro de Marcos (15, 10-11)<sup>10</sup> mostra que os sacerdotes tinham inveja de Jesus, por isso queriam a sua morte e incitavam o povo, que pediam a crucificação, pressionando Pilatos. Em Lucas (23, 14-16)<sup>11</sup>, cita-se que Pilatos sabia da inocência de Jesus e disse isso aos que estavam querendo a sua crucificação: que ele não tinha cometido nenhum crime e, portanto, não merecia essa punição.

Mesmo Pilatos afirmando a inocência de Jesus, o povo queria que o crucificassem e, ao ser pressionado, o governador sucumbiu ao desejo deles, para não causar nenhuma revolta – um crime autorizado pelo Estado. Como era o tempo da Páscoa, havia a tradição de soltar um preso (indulto) e a multidão optou por soltar Barrabás, que, segundo Marcos (15, 7)<sup>12</sup>, “[...] estava preso com os amotinados que em uma revolta haviam cometido um homicídio [...]”. As humilhações sofridas por Jesus também ocorreram com o julgamento, pois preferiram soltar um acusado de assassinato a libertá-lo; posteriormente, os vexames continuaram com os soldados, que cuspiam, batiam e zombavam por ele se dizer o rei dos judeus, como mostra Mateus (27, 27-31)<sup>13</sup>.

Quando o crucificaram, os sujeitos pediam para que Jesus provasse que era o Messias, saindo da cruz e se salvando da morte, mas ele não o fez. No momento da

---

<sup>10</sup> (Mt 27, 1s. 11-14; Lc 23, 1-5; Jo 18, 28-38)

<sup>11</sup> (Mt 27, 15-26; Mc 15, 6-15; Jo 18, 39-19, 16)

<sup>12</sup> (Mt 27, 1s. 11-14; Lc 23, 1-5; Jo 18, 28-38)

<sup>13</sup> (Mc 15, 16-20; Jo 19, 2s)

sua morte, um terremoto incidiu, o milagre da ressurreição dos mortos aconteceu com alguns santos, como podemos ver em Mateus (27, 45-54)<sup>14</sup>, e esses acontecimentos na hora da morte de Jesus foram os que revelaram a sua identidade messiânica para muitos sujeitos que duvidavam. Outro fator de convencimento foi a ressurreição, após o terceiro dia de sua morte, quando apareceu à Maria Madalena e aos seus discípulos, como podemos ver em João (20, 1 – 19)<sup>15</sup>. Diz o texto bíblico que, quando Maria foi à sepultura de Jesus, o túmulo já estava aberto e sem o cadáver; assim, ela achou que o tinham roubado, mas o que aconteceu foi um milagre: Jesus venceu a morte de cruz e ressuscitou.

Ao longo de sua trajetória na terra, assim como consta na Bíblia, Jesus ajudou inúmeros sujeitos, sempre propagou o bem e o que recebeu foi a morte. Os milagres que Jesus fez evidenciaram que ele poderia se libertar da cruz, mas tudo fazia parte do destino traçado por Deus, para ele mostrar a sua missão salvífica, tendo o objetivo de libertar a humanidade dos pecados, conforme se acredita.

Por tudo isso, a utilização da cruz pela Igreja Católica apresenta esse sentido de sacrifício, de amor ao próximo, de salvação, de esperança da vida eterna, ao vencer a morte, pela história de Jesus – uma história messiânica – presente nas sagradas escrituras, passando por um processo de ressignificação de um objeto profano e maldito – onde ocorria a pena de morte – para um objeto sagrado, símbolo da “Paixão de Cristo” pela humanidade<sup>16</sup>. Pela evidência dos relatos da pesquisa, a compreensão dos sujeitos que edificam as Santas Cruzes de Beira de Estrada também se aproxima dessa visão sagrada da cruz.

#### 4.3.2 O Código de Direito Canônico

O Código de Direito Canônico (CDC) – um gênero discursivo do cristianismo católico –, por fazer parte da religião católica, já está consensualmente situado na esfera discursiva sagrada. Ele tem uma linguagem objetiva, formal, mas as suas leis trabalham com o invisível. Na parte normativa, precisamente no Cânone 24, parágrafo 1, quando se diz que “não pode obter força de lei nenhum costume que seja contrário ao direito divino”, deixa-se bem claro que as leis estão ligadas a uma divindade.

O Código dialoga com todos que fazem parte da Igreja, mais precisamente com o clérigo, pois esses orientam os fiéis leigos sobre os dogmas, os direitos e as obrigações. Através dessa constituição, “[...] os Pastores têm normas seguras para dirigirem bem o exercício do ministério sagrado [...] os abusos que porventura se tenham introduzido na disciplina eclesial por carência de leis, poderão mais facilmente ser extirpados e reprimidos” (CDC, 2007, p. 27). Nesse trecho, percebemos que a Instituição almeja uma atuação mais eficiente, sistematizada, contendo menos erros.

O Cânone 204, parágrafo 1, traz o conceito de “fiel”, destacando que o batismo é o principal sacramento para ser considerado católico. Além desse, a Igreja instituiu para a vida cristã o sacramento da confirmação, a eucaristia, a penitência, a unção dos enfermos, ordem e o matrimônio. Destacamos aqui a eucaristia, essa que remete à Santa Ceia, quando Jesus se reuniu com os seus discípulos, antes de ser crucificado, dividiu o pão – afirmando que era o seu corpo e mandou que todos o

---

<sup>14</sup> (Mc 15, 21-41; Lc 23, 26-49; Jo 19, 17-30)

<sup>15</sup> (Mt 28, 1-10; Mc 16, 1-8; Lc 24, 1-12)

<sup>16</sup> Interessante notar que nem todas as denominações ditas cristãs compreendem a cruz como símbolo de salvação. Algumas delas tomam a cruz como sinal de maldição mesmo, especialmente as de vertente protestante, a exemplo da Congregação Cristã no Brasil (CCB).

comessem – e bebeu o vinho – que era o seu sangue –, pedindo que, todas as vezes que fizessem isso, se lembrassem dele. Nesse contexto, houve a ressignificação de dois sinais em símbolos religiosos, que fazem parte do ritual central das missas: *comer o corpo e tomar o sangue de Jesus*<sup>17</sup>.

O cânone 897 trata do sacramento da eucaristia, o qual reflete a “[...] morte e ressurreição do Senhor, em que se perpetua através dos séculos o Sacrifício da Cruz, é a culminância e a fonte de todo o culto e da vida cristã [...]”. Na eucaristia, não só percebemos a ressignificação do pão e do vinho que se transubstanciam em corpo e sangue, mas também o símbolo que reflete o sacrifício de Jesus – a cruz –, elemento onde ele foi pregado, morreu, mas após três dias ressuscitou; essa é uma das verdades centrais da Igreja.

No apêndice intitulado *profissão de fé (Fórmula a ser usada nos casos em que pelo direito se prescreve a Profissão de Fé)*, ressaltamos o Credo da Igreja, no qual estão contidos seus principais dogmas, sendo um deles a crucificação, quando diz que Jesus “[...] foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras [...]” (CDC, 2007, p. 369). Essa oração também está presente nas missas, e é ensinada aos fiéis na catequese.

Voltando nosso olhar para os lugares sagrados, o local como símbolo católico, o código canônico aborda na *parte III - dos lugares e dos tempos sagrados; título I - dos lugares sagrados*, que é necessário fazer a dedicação ou a bênção do local por um representante oficial da Igreja – um bispo ou um presbítero –, para ser considerado sagrado. Dizendo de outro modo, não são os fiéis leigos que podem definir essa questão, pois existe um processo burocrático – segundo o cânone 1205 –, quando se lê que esses lugares “[...] mediante a dedicação ou a bênção prescrita pelos livros litúrgicos, se destinam ao culto divino e à sepultura dos fiéis”.

Na mesma parte, especificamente no *capítulo II - dos oratórios e capelas particulares* -, ao direcionarmos nosso olhar para os oratórios, notamos que assim como os demais lugares sagrados, estes também precisam de conhecimento do local e permissão da Igreja. Segundo o Cânone 1223 do CDC, “pelo nome de oratório entende-se o lugar destinado, com licença do Ordinário, ao culto divino, em favor de alguma comunidade ou grupo de fiéis que nele se reúnem [...]”.

A utilização das imagens dos santos é abordada no *título IV - do culto dos santos, das sagradas imagens e das relíquias* – de maneira sucinta, contendo apenas cinco cânones, que apenas assinalam o que fazer quando essas imagens quebram ou são danificadas, exclusivamente no caso das que possuem um valor histórico, consideradas relíquias, mas não em casos gerais, como as utilizadas por fiéis leigo. Entretanto, essas imagens também são objetos sagrados, deixando dúvidas, portanto, sobre como seria o processo para fazer os seus descartes. Entre os cinco cânones, destacamos o 1189, referente às reparações das imagens preciosas, de valor histórico, o qual diz que “[...] se necessitarem de reparação, nunca se restaurem sem licença dada por escrito pelo Ordinário do lugar; o qual, antes de a conceder, consulte os peritos”.

Relacionando o Código de Direito Canônico com as axiologias dos sujeitos que edificam as Santas Cruzes de Beira de Estrada, percebemos que esse gênero discursivo reforça a pertença dos participantes à religião católica, porque destaca o batismo para os sujeitos serem considerados fiéis, sacramento esse que também é ressaltado pelos cristãos que edificam as cruzes.

---

<sup>17</sup> A páscoa (eucaristia) é uma passagem da Bíblia contida dos livros de Mateus (26, 17-35), Marcos (14, 12-26), Lucas (22, 7-20), João (13, 21-30), 1Coríntios (11, 23-25).

As Santas Cruzes, em alguns momentos dos relatos, são chamadas de oratório até mesmo pelo representante da Igreja, visto que muitas dessas edificações são construídas contendo uma estrutura que remete para esse elemento, com santos, velas e outros elementos. Contudo, no contexto oficial, não são consideradas nem oratório nem lugar sagrado, porque teriam que ter o reconhecimento e a bênção da Igreja.

O símbolo da cruz representa um dos principais dogmas da Igreja, qual seja, a morte de Jesus para o perdão dos pecados da humanidade. Do ponto de vista dialógico, as Santas Cruzes também refletem essa perspectiva da morte, pois é uma lembrança de que alguém morreu naquele local, e os sujeitos que as edificaram têm fé na verdade da crucificação e na vida eterna, mostrando que são católicos, conforme evidenciaram os relatos. Esses discursos fundamentados na “fé” e na “verdade” chegam aos fiéis, entre outras situações, por meio das rezas, como o Credo nas missas, nos sacramentos, principalmente da eucaristia, o qual 4 dos 5 participantes disseram que fizeram.

No que diz respeito à “alma”, esta palavra está presente 56 vezes no Código, enquanto signo ideológico, voltada para a salvação, a pastoral, a cura; mas, nenhuma dessas ocorrências aborda a concepção de vagação, assombração, penação, contrapondo-se aos discursos que se manifestam nas Santas Cruzes de Beira de Estrada. Isso mostra pontos de conflito/tensão entre o discurso cotidiano e o discurso oficial da Igreja acerca do símbolo da cruz.

#### 4.3.3 O Catecismo da Igreja Católica e os ensinamentos do credo aos fiéis

O Catecismo da Igreja Católica (CIC) é um gênero discursivo típico dessa esfera, que contém os ensinamentos dessa religião, do qual iremos analisar a segunda seção – *a profissão da fé cristã, os símbolos da fé* –, mais precisamente os artigos voltados ao credo da Igreja e à crucificação de Jesus, que enfatizam o símbolo da cruz. Essa simbologia reflete os discursos sobre a remissão dos pecados, a ressurreição e a vida eterna; também transcorreremos sobre o pertencimento à Igreja Católica e a comunhão com os santos e com os defuntos.

No CIC, artigo 4 – intitulado *Jesus Cristo padeceu sob Pôncio Pilatos foi crucificado, morto e sepultado* –, a crucificação e a ressurreição são apresentadas como os dogmas centrais da Igreja Católica, que devem ser transmitidos aos povos, chamado de “mistério pascal”; o sofrimento de Jesus, a morte e a volta à vida trazem a esperança de vencer o processo natural em que o corpo humano se encontra, andando para a sua extinção.

Segundo o CIC, o que Jesus passou fazia parte do destino dele para com a humanidade; então, não foram culpados apenas os sujeitos que apoiavam a crucificação de Jesus, mas todos os pecadores foram e são responsáveis por sua morte, de acordo com seu destino salvífico. Isso mostra que a morte não é o fim, que depois dela o ser alcança a imortalidade; porém, para conseguirem chegar ao mundo prometido por Cristo, para conseguirem a salvação, os sujeitos, no artigo 10 – *creio na remissão dos pecados* –, devem ter fé e ter passado pelo sacramento do batismo, tal como citado no CIC (1997) de número 997, quando afirma que “Nosso Senhor ligou o perdão dos pecados à fé e ao Batismo [...]”.

Nesse sentido, a fé e o batismo são características indispensáveis para alguém fazer parte do povo de Deus – que são os sujeitos que formam a Igreja –, como vemos no artigo 9, intitulado *creio na santa Igreja Católica*, que diz “– vem-se a ser membro deste povo, não pelo nascimento físico, mas pelo «nascimento do Alto», «da água e

do Espírito» (Jó 3, 3-5), isto é, pela fé em Cristo e pelo Baptismo” (CIC, 1997), destacando essas duas características para os sujeitos pertencerem à religião católica e para alcançarem a vida nova – a esperança da felicidade inesgotável –, que ocorre após o falecimento e o julgamento.

Em relação à morte, esta é discutida no artigo 11 do CIC, com o título *creio na ressurreição da carne*. Como consequência dos pecados cometidos, os sujeitos receberam a mortalidade e ela é vista como o fim da existência do ser na terra, reforçando que a Igreja Católica não tem a crença em assombrações e almas penadas, como podemos ver no tópico 1013 do CIC (1997): “A morte é o fim da peregrinação terrena do homem, do tempo de graça e misericórdia que Deus lhe oferece para realizar a sua vida terrena segundo o plano divino e para decidir o seu destino último [...]”.

O artigo 12 do CIC, intitulado *creio na vida eterna*, explica que os destinos das almas, que são imortais, serão decididos de acordo com as ações humanas, as quais serão julgadas no juízo final, porém, antes do julgamento, algumas almas passarão pelo purgatório, um lugar de purificação, quando o sujeito possui pecados que podem ser perdoados. Em relação ao juízo final, tópico 1038 (CIC, 1997), Cristo retornará à terra, ressuscitará os mortos e os separará, para irem ao céu, um lugar de plena felicidade, se viveram de acordo com os desígnios de Deus; ou para o inferno, se cometeu pecados imperdoáveis, sendo sua alma condenada a pagar por todas as maldades que fez na terra no “fogo eterno” (CIC, 1997).

É na vivência mortal, terrena, que os sujeitos irão construir os seus caminhos para a imortalidade na salvação, no céu; então, quanto mais o sujeito tiver a consciência do tempo que tem na terra, existe maior possibilidade de arrependimento dos pecados, de conversão a Deus e preparação para a morte. Sobre as orações aos santos no CIC, número 956, afirma-se que eles podem intervir pelo povo de Deus, pela proximidade com Cristo, por isso a Igreja orienta a pedir essa proteção. Além dos Santos, as orações voltadas aos defuntos, os quais estão em processo de purificação, no purgatório, servem tanto para ajudá-los como para que eles intercedam também pelos vivos como vemos no CIC de número 958.

A Igreja preza por estar em comunhão, não apenas com os santos ou defuntos, mas o catecismo é para ensinar como todo o corpo dessa religião deve ficar em sintonia, ao ter conhecimento do credo, buscando a salvação de sua alma e a justiça no pós-morte, refletidas e refratadas na morte de Jesus na cruz, a ressurreição, o perdão dos pecados, entre outros elementos presentes no CIC.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou, por meio de uma amostra de entrevistados, que os sujeitos que constroem as Santas Cruzes de Beira de Estrada são católicos, tanto pelo sentimento de pertencimento a esta religião, como pelo sacramento do batismo e pela fé em Deus. Eles acreditam que essas edificações fazem parte do catolicismo, porque são fiéis dessa religião, o falecido também o era, e os elementos que compõem as Santas Cruzes refletem dogmas da Igreja: a crença na morte e na ressurreição de Jesus, a intercessão dos santos pelos mortos, a imortalidade da alma e a comunhão com os finados. Todavia, os signos são refratados pelo seu grupo social, responsável por transmitirem a ideia da eficácia das Santas Cruzes para a alma do defunto não ficar vagando, assombrando ou acompanhando os sujeitos, enunciações estas que, juntamente com a morte trágica, tornam o local ainda mais sagrado. Mesmo o CDC afirmando que para o lugar ser sagrado tem que haver o reconhecimento da Igreja,

na ideologia cotidiana o invisível/o sobrenatural está instaurado na localidade da morte, e isso diz respeito ao sagrado.

Os dados evidenciam que os diálogos entre as Santas Cruzes e a Igreja Católica convergem em muitos aspectos, por se tratar de uma mesma esfera discursiva – a religiosa –, e os sujeitos serem fiéis católicos e trabalharem com os mesmos signos – a exemplo da cruz; entretanto, uma é mais voltada à ideologia do cotidiano e a outra à oficial. Contudo, não menos importante, cada qual com o seu contexto valorativo, em constante entrecruzamento.

Por outro lado, as divergências dialógicas dessas práticas religiosas estão principalmente nas concepções de vagação da alma, que a Igreja Católica não manifesta em seus discursos. Ademais, o CDC mostra que o oratório – como em alguns momentos são chamadas as Santas Cruzes –, assim como outros locais sagrados, devem ter a bênção do bispo, mostrando que as atividades oficiais católicas estão fundamentadas e sistematizadas em seus gêneros discursivos, nos quais as produções das Santas Cruzes de Beira de Estrada sequer são mencionadas, compreendendo-se, portanto, que não fazem parte das práticas católicas oficiais.

Outro fator de divergência baseia-se no argumento de autoridade. No caso das edificações das Santas Cruzes, percebemos que os próprios sujeitos do convívio dos participantes são os responsáveis por transmitirem os conhecimentos e as experiências com o sobrenatural – como avó de um participante ou a filha da vizinha de outro participante, que viu algo branco à noite –, além dos próprios participantes também terem vivências associadas à metafísica, respaldando as suas crenças e as suas tradições. Já na Igreja, a autoridade principal é a Bíblia, pois vemos que os demais gêneros discursivos católicos – a exemplo do CDC e do CIC – são construídos tendo esse livro como alicerce. Além do mais, na hierarquia eclesiástica existe o Papa, que também possui o múnus de seguir e transmitir as verdades das Sagradas Escrituras.

Mesmo havendo certo distanciamento entre os relatos analisados neste artigo – o discurso dos católicos que constroem as Santas Cruzes de Beira de Estrada e o discurso oficial da Igreja Católica –, destacamos a compreensão do representante da Igreja com a dor dos sujeitos que perderam de forma trágica seus familiares, valendo-se da expressão “questão do coração”, o que confirma que ele sabe da necessidade do ritual para o conforto emocional dos sujeitos que sofrem essas perdas, na busca de uma suposta “cura” para as suas “feridas simbólicas”.

Finalmente, a Igreja com seus gêneros discursivos – a Bíblia, o CDC, o CIC, entre outros – tenta monologizar ou padronizar as suas atividades, mas os fiéis mostram-se heterogêneos, por estarem em contato com outras crenças, que passam a fazer parte de suas axiologias. É a prova de que, mesmo os signos sendo iguais fisicamente, o seu sentido apenas é compreendido no todo da enunciação, isto é, em seu contexto de produção. Como bem disse Faraco (2009, p. 52), “o material semiótico pode ser o mesmo, mas sua significação no ato social concreto de enunciação, dependendo da voz social em que está ancorado, será diferente. Isso faz da semiose humana uma realidade aberta e infinita”.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. **O que é religião**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

AZEVEDO, T. **O catolicismo no Brasil**: um campo para a pesquisa social. Salvador: EDUFBA, 2002.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BÍBLIA. Português. **BÍBLIA**: Do peregrino. Tradução do texto bíblico: Ivo Storniolo e José Bortolini. 3. Ed., 1. Reimpressão. São Paulo: Paulus, 2018.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2018. p. 61 - 68.

**CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**, promulgado por João Paulo II, Papa. Edição típica vaticana. Le livros, 1997. Disponível em: [https://www.santissimatrindadesp.com.br/files/Catecismo\\_da\\_Igreja\\_Catolica\\_-\\_Igreja\\_Ca.pdf](https://www.santissimatrindadesp.com.br/files/Catecismo_da_Igreja_Catolica_-_Igreja_Ca.pdf). Acesso em: 26 nov. 2021.

**CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO**, promulgado por João Paulo II, Papa. Conferência Episcopal Portuguesa. 4. ed. Editorial Apostolado da Oração: Braga, Portugal, 2007. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf). Acesso em: 25 nov. 2021.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio século XXI**: o minidicionário da Língua Portuguesa. 4. ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GATTI, J. Dialogismo e sincretismo: (re)definições. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 59-79, set./dez. 2016.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1978.

GONZAGA, W. A Bíblia: Escritura Sagrada para judeus e cristãos. **Creatividade**: revista da cultura religiosa, n. 2. Rio de Janeiro: PUC, 2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/45809/45809.PDF>. Acesso em: 15 jan. 2022.

GUEIROS, M. S. F. No caminho uma cruz, na igreja um credo: um estudo, sob a perspectiva dialógica, entre o discurso dos católicos que constroem as Santas Cruzes de Beira de Estrada e o discurso da Igreja Católica. *In*: SEMINÁRIO DE LINGUAGEM E PRÁTICAS SOCIAIS, 1, 2021, Garanhuns - PE. **Anais** [...] Garanhuns: IFPE, 2021. p. 51 - 53. Disponível em:

<https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/351>. Acesso em: 06 mar. 2022.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2018. p. 151 - 166.

MIOTELLO, V. Ideologia. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2018. p. 167-176.

NUNES, V. S. O conceito de gênero em três tradições de estudos: uma introdução. **Revista Vértices**, Campos dos Goytazes/RJ, v.19, n.3, p. 7-29, set./dez. 2017.

OLIVEIRA, C. L. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias**, v.2, n.3, 2008.

PALMA, R. F. Breve história da pena de crucificação. **Virtù: Direito e Humanismo**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 25 – 31, jan./abr. 2011.

PIANA. M. C. A pesquisa de campo. *In*: PIANA. M. C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 167-210. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830389-06.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2021.

QUINTANA, A. M. **A ciência de benzedura**: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. São Paulo: EDUSC, 1999.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2018. p. 11-36.

SOBRAL, A. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em ciências humanas. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2018. p. 103 - 119.

TEIXEIRA. E. R. S. Dialogismo bakhtiniano e o discurso religioso: uma abordagem interativa da linguagem na religiosidade popular. **Revista Diálogos**, n. 11, abr./maio, 2014.

ZOZZOLI, R. M. D. A articulação discursiva entre gêneros, textos e suportes, numa perspectiva dialógica em torno do tema da defesa da diferença. **Eutomia: Revista de literatura e linguística**. v.1, n. 9, 2012. p. 343-358.

## APÊNDICE A – Questionário para coleta de dados (sujeitos católicos)



**INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CAMPUS GARANHUNS**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGEM E PRÁTICAS SOCIAIS**

### **ROTEIRO PARA ENTREVISTA – CATÓLICOS**

1. Sua vivência é mais voltada para o campo ou para a cidade? Fale um pouco sobre ela.
2. Qual a sua religião? Se você é católico quais são os critérios para pertencer a essa religião?
3. O que são as Santas Cruzes de Beira de Estrada?
4. Por que a utilização da cruz e qual a sua importância?
5. O que é a alma? Qual a sua diferença entre ela e o corpo?
6. Em suas tradições você lembra de algo que fale sobre a alma de quem morre de forma natural e a alma de quem morre de forma trágica?
7. Qual a função da Santa Cruz para a alma da pessoa que faleceu de forma trágica?
8. Por que colocar santos (em alguns casos quebrados), acender velas e zelar pelo local? Tem relação com a Alma do falecido?
9. Essa tradição tem alguma relação com lendas? Se sim, cite algum exemplo, como você conheceu essas lendas e em qual contexto social?
10. A construção das Santas Cruzes é uma prática que faz parte dos rituais da Igreja Católica? Explique.

## **APÊNDICE B – Questionário para coleta de dados (representante da Igreja)**



**INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CAMPUS GARANHUNS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGEM E PRÁTICAS SOCIAIS**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA – REPRESENTANTE DA IGREJA CATÓLICA**

1. Qual a importância da Cruz para a Igreja Católica, o que ela representa?
2. Em quais rituais a Cruz deve ser utilizada?
3. Existem critérios a serem seguidos para ser católico? Se sim, quais são?
4. Quais os documentos da Igreja Católica que regem a conduta dos fiéis e quais os principais pontos de que eles vão tratar?
5. Como os fiéis têm conhecimento das Leis da Igreja?
6. Qual a diferença entre alma e o corpo?
7. Após a morte trágica e a morte natural, o que acontece com a alma do falecido? Existem diferenças entre elas?
8. Quais o ritual para os mortos? Ele é o mesmo em todos os casos de falecimento?
9. Qual a opinião da Igreja em relação à ressignificação de seus símbolos pelos fiéis católicos?
10. Qual a posição da Igreja em relação às Santas Cruzes de Beira de Estrada?
11. As imagens de Santos são sagradas. Quando se quebram, o que deve ser feito?

## ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



**INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CAMPUS GARANHUNS**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGEM E PRÁTICAS SOCIAIS**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O(A) Sr(a). está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa acadêmica, em nível de pós-graduação, intitulada *No caminho uma cruz, na igreja um credo: um estudo, sob a perspectiva dialógica, entre o discurso dos católicos que constroem as Santas Cruzes de Beira de Estrada e o discurso da Igreja Católica*, cuja pesquisadora responsável é *Mabel Sales de Farias Gueiros*, sob a orientação do *Prof. Dr. Valfrido da Silva Nunes*, e que resultará no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) em epígrafe, na forma de uma artigo científico.

O objetivo principal da pesquisa é analisar o diálogo entre o discurso dos católicos que constroem as Santas Cruzes de Beira de Estrada e o discurso da Igreja Católica no Município de Correntes-PE. Assim, a pesquisa pretende descrever os sentidos dos elementos que compõem as Santas Cruzes para os católicos que as constroem e para a Igreja Católica, identificando como os discursos da religião Católica discordam das ou concordam com as práticas das Santas Cruzes de Beira de Estrada; pretende-se, ainda, explicar a concepção de pertença à Igreja Católica e às Santas Cruzes, a partir dos discursos dos participantes.

O(A) Sr(a) está sendo convidado(a) para participar desta pesquisa, porque é responsável pela construção de uma Santa Cruz de Beira de Estrada no Município de Correntes-PE, podendo caracterizar essa tradição, ou porque é uma autoridade da Igreja Católica que possa nos mostrar a visão da Igreja referente à prática da construção das Santas Cruzes de Beira de Estrada.

O(A) Sr(a). tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa. Caso se voluntarie, a sua contribuição consiste em participar de uma entrevista, a qual será gravada por meio de um aplicativo de voz, e os dados obtidos serão transcritos e utilizados somente para os fins desta pesquisa.

Toda pesquisa com seres humanos envolve, por um lado, riscos aos participantes. Esta pesquisa poderá apresentar os seguintes riscos para o(a) Sr.(a): ocasionar lembranças ruins referente à morte, eventual quebra de sigilo involuntária, possibilidades de constrangimento involuntário, desconforto ou estresse ao responder as perguntas e ao ter o áudio gravado.

Por outro lado, também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: contribuir com a teoria dialógica da linguagem, conhecendo valores relacionados à religião e divulgando-os, os quais fazem parte da identidade do grupo participante da pesquisa.

Os voluntários não receberão nenhum valor econômico; portanto, não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa. Entretanto, se ocorrer algum dano estão assegurados ao(à) Sr(a). o direito de pedir indenizações e a cobertura material para reparação.



**INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CAMPUS GARANHUNS**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGEM E PRÁTICAS SOCIAIS**

Garantimos ao(à) Sr(a). a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

O(A) Sr(a). pode entrar em contato com a pesquisadora responsável a qualquer tempo para tirar dúvidas e saber alguma informação referente à pesquisa pelo número de telefone celular: (87) 98123-2558, e-mail: [mabelsales@hotmail.com](mailto:mabelsales@hotmail.com), endereço residencial: Loteamento Ronaldo Amaral, quadra 08, nº. 14, CEP:55315-000, Correntes-PE.

Se assim o desejar, o(a) Sr(a). também pode entrar em contato com a Coordenação do Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Linguagem e Práticas Sociais, do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), *Campus* Garanhuns, que está localizada na Rua Pe. Agobar Valença, s/n – Severiano Moraes Filho – Garanhuns – PE, ou pelo email [pos.linguagem@garanhuns.ifpe.edu.br](mailto:pos.linguagem@garanhuns.ifpe.edu.br).

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a que já contém as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a). e pela pesquisadora responsável, ficando uma via com cada um.

**CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO**  
Li e concordo em participar da pesquisa.

Garanhuns – PE, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Assinatura do(a) Participante

---

Assinatura da Pesquisadora Responsável



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA